Alice's
Adventures
IN
Wonderland
by LEWIS CARROLL
illustrated by JOHN TENNIEL

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

# LEWIS CARROLL

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

Tradução

# ISABEL DE LORENZO

2.ª edição, revista, São Paulo 2000

Título Original: Alice’s Adventures in Wonderland

# ÍNDICE

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Capítulo 1

Na Toca Do Coelho

Capítulo 2

O Mar De Lágrimas

Capítulo 3

Uma Corrida Eleitoral E O Longo Rabo De Uma História

Capítulo 4

O Coelho Dá Um Encargo A Bill

Capítulo 5

Conselhos De Uma Lagarta

Capítulo 6

Porco E Pimenta

Capítulo 7

Um Chá De Loucos

Capítulo 8

O Campo De Croquet Da Rainha

Capítulo 9

A História Da Falsa Tartaruga

Capítulo 10

A Quadrilha Da Lagosta

Capítulo 11

Quem Roubou As Tortas?

Capítulo 12

O Depoimento De Alice

## CAPÍTULO 1

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

# NA TOCA DO COELHO

Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos.

“E para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?” Assim, meditava com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor aquele dia era tal que ela se sentia sonolenta e entorpecida) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as margaridas, quando de repente um coelho branco com olhos rosados passou correndo perto dela.

Não havia nada de tão notável nisso; nem Alice achou tão estranho ouvir o Coelho murmurar para si mesmo, “Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Estou muito atrasado!” (quando pensou nisso, bem mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter estranhado; porém, naquele momento, tudo lhe pareceu perfeitamente natural).

Mas quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, deu uma olhada nele e acelerou o passo, Alice ergueu-se, porque lhe passou pela cabeça que nunca em sua vida tinha visto um coelho de colete e muito menos com relógio dentro do bolso.

Então, ardendo de curiosidade, ela correu atrás dele campo afora, chegando justamente a tempo de vê-lo sumir numa grande toca sob a cerca.

No instante seguinte, Alice entrou na toca atrás dele, sem ao menos pensar em como é que iria sair dali depois.

A toca do coelho, no começo, alongava-se como um túnel, mas de repente abria-se como um poço, tão de repente que Alice não teve um segundo sequer para pensar em parar, antes de se ver caindo no que parecia ser um buraco muito fundo.

Ou o poço era profundo demais, ou ela caía muito devagar, pois teve tempo de sobra durante a queda para olhar em volta e perguntar-se o que iria acontecer em seguida.

Primeiro, tentou olhar para baixo, para ver onde estava indo, mas estava escuro

demais para ver qualquer coisa: então, olhou para as paredes do poço e notou que estavam cheias de armários e prateleiras: aqui e ali viu mapas e quadros pendurados.

Enquanto passava, pegou de uma das prateleiras um pote: tinha o rótulo

“GELÉIA DE LARANJA”, mas para seu desapontamento estava vazio: não quis jogar fora o pote, com medo de acertar mortalmente alguém lá embaixo, então, esforçou-se por colocá-lo de volta em uma das prateleiras enquanto passava.

“Bom” pensou Alice, “depois de um tombo desses, não vou achar nada demais cair de uma escada! Todos lá em casa vão pensar que fiquei muito corajosa! Não lhes vou contar nada, mesmo se cair do telhado!” (O que era bem possível que acontecesse).

Caindo, caindo, caindo.

Esta queda não acabaria nunca? “Queria saber quantos quilômetros já desci nesse tempo todo!”, disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da terra.

Deixe-me ver... devem ser uns seis mil quilômetros, por aí...” (porque, como se vê, Alice aprendera muitas coisas desse tipo na escola, e embora essa não fosse uma oportunidade lá muito boa para mostrar seus conhecimentos, uma vez que não havia ninguém para escutá-

la, contudo era sempre bom praticar um pouco) “... sim, a distância é mais ou menos essa... mas queria saber qual a Latitude e a Longitude em que estou!” (Alice não tinha a menor idéia do que fosse Latitude, muito menos Longitude, mas achou que eram belas palavras, formidáveis de dizer.) E logo recomeçou. “Queria saber se vou passar direto, através da Terra! Seria engraçado se eu saísse no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipáticos, eu acho...” (estava muito feliz que dessa vez não havia ninguém escutando, porque aquela não lhe pareceu a palavra correta) “... mas eu vou ter de perguntar qual o nome do país, é claro. Por favor, minha senhora, aqui é a Nova Zelândia ou é a Austrália?” (e tentou fazer uma mesura enquanto falava — imaginem, fazer uma mesura enquanto se está caindo! Vocês conseguiriam?) “E que menina ignorante ela vai pensar que eu sou, por perguntar isso! Não, melhor não perguntar nada: quem sabe eu veja escrito em algum lugar.” Caindo, caindo, caindo.

Não havia nada a fazer, e então Alice começou a falar outra vez. “Acho que Diná vai sentir muito a minha falta esta noite!” (Diná era sua gata.) “Espero que se lembrem do seu pires de leite na hora do lanche. Diná, querida! Queria que você estivesse aqui caindo comigo! Não tem nenhum rato no ar, infelizmente, mas você bem que poderia pegar um morcego... é quase igual a um rato, você sabe. Será que gatos comem morcegos?” E aqui Alice começou a ficar com sono, e continuou dizendo consigo mesma, numa espécie de devaneio: “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?” e, às vezes: “Morcegos comem gatos?”, pois, como ela não conseguia responder à pergunta, não importava muito a ordem em que era colocada. Sentiu que estava adormecendo e começou a sonhar que passeava de mãos dadas com Diná, dizendo-lhe, muito séria: “Agora, Diná, diga-me a verdade: você já comeu algum morcego?”, quando subitamente — catapimba! — caiu em cima de um monte de gravetos e folhas secas. A queda tinha acabado. Alice não estava nem um pouco machucada, por isso levantou-se num instante: olhou para cima, mas estava tudo escuro.

Diante dela havia outro longo corredor, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo apressado. Não havia tempo a perder: Alice foi atrás dele como um raio, a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: “Ai, minhas orelhas e meus bigodes, como está ficando tarde!” Estava bem perto dele quando fez a curva, mas o Coelho desaparecera. Alice achou-se numa sala comprida e baixa, iluminada por uma fileira de lâmpadas pendentes do teto.

Havia muitas portas em volta da sala, mas todas estavam fechadas. Depois de percorrer a sala de um lado e de outro, tentando abrir todas as portas, ela foi tristemente para o centro, perguntando-se como iria fazer para sair dali. De repente, topou com uma mesa de três pés, toda feita de vidro: não havia nada em cima, a não ser uma chavezinha dourada.

A primeira idéia de Alice foi que a chave deveria ser de uma das portas, mas —

que nada! — ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era muito pequena; de qualquer forma, não abria nenhuma delas. Entretanto, ao fazer um segundo giro pela sala, Alice encontrou uma cortina baixa, que não tinha notado antes. Atrás, havia uma pequena porta de cerca de quarenta centímetros de altura: experimentou a chavezinha dourada na fechadura e, para sua alegria, serviu!

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior

que um buraco de rato: ajoelhou-se e entreviu pela passagem o jardim mais agradável que jamais vira. Como ela queria sair daquela sala escura e passear entre aqueles canteiros de flores esplendentes e aquelas fontes fresquinhas!

Mas não conseguia passar sequer sua cabeça naquele buraco, “e mesmo que minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “de nada serviria sem meus ombros. Ah, como eu gostaria de poder encolher como uma luneta! Acho que seria possível, se eu soubesse como começar.”

Tantas coisas extraordinárias tinham acontecido ultimamente, vocês sabem que Alice começava a pensar que quase nada seria realmente impossível de acontecer.

Como parecia inútil ficar esperando diante daquela porta, ela voltou para a mesa, meio esperançosa de encontrar outra chave, ou, pelo menos, um manual de instruções para encolher as pessoas como lunetas: dessa vez, encontrou uma pequena garrafa (“que certamente não estava aqui antes”, disse Alice).

Presa ao gargalo havia uma etiqueta de papel com as seguintes palavras:

“BEBA-ME”, lindamente impressas em letras grandes.

Era fácil demais dizer “BEBA-ME”, mas a inteligente pequena Alice não iria fazer isso assim com tanta pressa. “Não”, disse ela, “vou olhar primeiro e ver se não está marcado ‘veneno’”: pois ela já lera tantas histórias de crianças que tinham acabado queimadas, ou comidas por animais ferozes, ou outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras mais simples que pessoas amigas lhes tinham ensinado, tais como: um atiçador em brasa, quando segurado por muito tempo, queima a mão; quando se corta o dedo muito profundamente com uma faca, em geral sangra; e ela nunca se esquecera de que, quando se bebe de uma garrafa marcada “veneno”, é quase certo que mais cedo ou mais tarde vai fazer mal.

No entanto, naquela garrafa não estava marcado “veneno”, e assim Alice aventurou-se a dar um gole; como achou muito gostoso (tinha, de fato, um sabor misto de torta de cereja, pudim de leite, abacaxi, peru assado, caramelo puxa-puxa e torradas quentes com manteiga), em pouco tempo já tinha bebido tudo.

“Que sensação estranha!” exclamou Alice, “devo estar encolhendo como uma luneta!” E de fato estava: tinha agora não mais que trinta centímetros de altura.

Seu rosto iluminou-se ao pensar que atingira o tamanho certo para passar pela pequena porta que dava naquele belo jardim.

Porém, antes de mais nada, ela esperou alguns minutos para ver se diminuiria ainda mais: ficou um pouco nervosa com isso, “porque precisa ter um fim, não é?” disse Alice a si mesma, “senão acabarei como uma vela. O que seria eu então?” E tentou imaginar como pareceria a chama de uma vela depois que a vela acabasse, mas não se lembrava de ter visto alguma vez na vida coisa semelhante.

Depois de esperar um pouco, vendo que nada mais acontecia, decidiu ir de uma vez por todas ao jardim. Mas — que azar da pobre Alice! — quando chegou à porta, lembrou que tinha esquecido a chavezinha dourada, e ao voltar à mesa para apanhá-la, constatou que seria impossível alcançá-la: podia vê-la muito bem através do vidro e tentou de tudo para escalar uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia.

Quando se cansou de tentar, a pobrezinha sentou-se e chorou. “Vamos, de que serve chorar assim?” disse Alice a si mesma, asperamente. “Aconselho você a parar com isso agora mesmo!”

Ela geralmente dava conselhos muito bons a si própria, embora raramente os seguisse, e às vezes se repreendia tão severamente que seus olhos se enchiam de lágrimas; lembrou-se que, uma vez, tentara dar um puxão nas próprias orelhas, por ter trapaceado numa partida de croquet que jogava contra si mesma — pois esta menina curiosa adorava fingir que era duas pessoas! “Mas de nada serve agora”, pensou a pobre Alice, “fingir que sou duas pessoas! Porque tudo o que sobrou de mim mesma é pouco até para ser uma só pessoa respeitável!” Logo, seus olhos deram com uma caixinha de vidro que estava embaixo da mesa: Alice abriu-a e encontrou um pequenino bolo, com as palavras “COMA-ME” lindamente escritas sobre ele com groselha. “Bom, vou comê-lo”, falou Alice, “e se me fizer crescer de novo, poderei alcançar a chave; se me fizer diminuir ainda mais, poderei passar debaixo da porta: de qualquer maneira chegarei ao jardim, e pouco importa o que acontecer!”

Comeu um pedacinho e disse a si mesma, ansiosamente: “E agora? E agora?” enquanto apertava a mão no alto da cabeça para sentir se estava crescendo ou diminuindo.

E qual não foi sua surpresa ao descobrir que ficara do mesmo tamanho! Para dizer a verdade, isso é o que geralmente acontece quando se come um bolo; mas Alice estava tão acostumada a só esperar por coisas extraordinárias, que então lhe parecia muito tolo e tedioso que a vida continuasse de modo comum.

Assim, ela se pôs à obra e logo logo acabou todo o bolo.

## CAPÍTULO 2

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## O MAR DE LÁGRIMAS

“Que estranhíssimo, que muito estranhíssimo!” gritou Alice (ela estava tão surpresa que, por um momento, se esqueceu de falar conforme a gramática). “Agora estou espichando como a maior luneta que já se viu! Adeus, pés!” (pois, quando olhou para seus pés, eles estavam quase fora do alcance de sua vista, de tão longe). “Oh, meus pobres pezinhos, quem é que vai calçar os sapatos e as meias em vocês de agora em diante, meus queridos? Só sei que eu não poderei ser! Estarei longe demais para cuidar de vocês: é melhor arranjarem-se como puderem... Mas tenho de ser gentil com eles”, pensou Alice,

“ou talvez não queiram mais levar-me aonde eu queira ir! Vamos ver. Vou dar-lhes um novo par de botas todo Natal.” E prosseguiu combinando consigo mesma como iria resolver a questão. “Vou enviar pelo correio...” pensou, “como vai ser engraçado mandar um presente para os próprios pés! E como soará estranho o endereço!

“Ilmo. Senhor Pé direito de Alice Tapetinho junto ao degrau Perto da lareira (da Alice com amor). Oh, meu Deus, quanta bobagem estou dizendo!” Exatamente naquele momento sua cabeça bateu no teto da sala: estava agora com mais de dois metros e meio de altura. Pobre Alice!

O máximo que pôde fazer foi deitar-se de lado e espiar o jardim com um olho só. Agora, mais do que nunca, não havia a menor esperança de passar por ali: então ela sentou se e começou a chorar outra vez. “Mas que vergonha!” exclamou, “uma garota grande como você”, (podia muito bem dizer isso), “chorando dessa maneira! Pare com isso já, estou mandando!” Mas continuou do mesmo jeito, despejando baldes de lágrimas, até que se formou uma lagoa em torno dela, com uns dez centímetros de profundidade e abrangendo em largura quase a metade da

sala.

Pouco depois, Alice começou a escutar um rumor de passos à distância e, mais que depressa, enxugou os olhos para ver quem se aproximava. Era o Coelho Branco que voltava elegantemente vestido, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra: vinha saltitando com muita pressa e murmurando para si mesmo: “Oh, a Duquesa! Oh, a Duquesa! Como poderá não se enfurecer, se eu a fizer esperar?”

Alice estava tão desesperada que pediria ajuda para qualquer um: assim, quando o Coelho passou por ela, começou a falar, em voz baixa e tímida: “Por favor, senhor...” O Coelho sobressaltou-se violentamente, deixou cair as luvas brancas de pelica e o leque e desapareceu na escuridão o mais rápido que pôde. Alice apanhou o leque e as luvas e, como a sala estava muito quente, começou a abanar-se enquanto falava: “Ai, meu Deus! Como tudo está esquisito hoje! E pensar que ontem tudo estava normal. Será que eu mudei durante a noite? Vamos ver: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Estou quase me recordando que me sentia um pouquinho diferente. Mas, se eu não sou mais a mesma, a pergunta é: ‘Quem afinal eu sou’? Ah, aí é que está o problema!” E começou a pensar em todas as meninas que conhecia e que tinham a sua idade, para ver se teria se transformado em alguma delas. “Com certeza não sou Ada”, disse, “porque ela tem longos cabelos cacheados, e eu não tenho um cacho sequer. Com certeza também não sou Mabel, porque eu sei muitas coisas, e ela, ah, ela não sabe quase nada! Além do mais, ela é ela, e eu sou eu, e... Oh, meu Deus, como é complicado isso tudo! Quero saber se ainda sei tudo o que sabia. Vamos ver: quatro vezes cinco é doze, quatro vezes seis é treze, quatro vezes sete é... Oh, meu Deus! Desse jeito, nunca chegarei a vinte! Em todo caso, vamos deixar de lado a Tabuada, e tentar Geografia: Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, Roma é... Não, está tudo errado, tenho certeza!

Devo ter me transformado em Mabel! Vou tentar recitar “A abelhinha diligente”.

Cruzou as mãos sobre o colo, como se estivesse decorando uma lição, e começou a recitar. Mas sua voz parecia rouca e estranha, e as palavras não saíram como costumavam sair: “Olha o pequeno crocodilo Que ao sol estende a cauda, Banhando nas águas do Nilo Cada escama dourada. “Expondo as garras e os seus dentes alegres e sorrindo

— E engole os peixes entrementes Como quem diz ‘bem-vindo’.” “Tenho

certeza de que essas não são as palavras certas”, disse a pobre Alice, e seus olhos encheram-se outra vez de lágrimas.

“Devo ter-me transformado mesmo em Mabel, e terei de viver naquela casa tão pequena, sem brinquedos por perto e, oh, meu Deus, com tantas lições para estudar!

Não, já tomei uma decisão: se eu for Mabel, vou ficar por aqui mesmo! De nada vai servir que eles ponham a cabeça e digam aqui para baixo: ‘Volte, querida! ’ Eu olharei para cima e direi somente: ‘Quem sou eu, então? Respondam-me primeiro, e então, se eu gostar de ser essa pessoa, voltarei; se não, ficarei aqui embaixo até que eu seja outra’ — mas, oh, meu Deus!” gritou Alice, com uma explosão repentina de lágrimas,

“Como eu gostaria que eles pusessem a cabeça aqui embaixo! Estou tão cansada de ficar sozinha aqui!” Enquanto falava, olhou para suas mãos e surpreendeu-se ao notar que tinha vestido uma das luvinhas brancas de pelica do Coelho. “Como posso ter feito isso?” pensou.

“Devo estar diminuindo outra vez.” Levantou-se, foi até a mesa para medir se e concluiu, pelos seus cálculos, que devia estar com pouco mais de meio metro de altura e continuava a encolher velozmente: logo percebeu que a causa disso era o leque que estava segurando e descartou-o imediatamente, a tempo de evitar que desaparecesse por completo. “Escapei por pouco!” exclamou Alice, bastante assustada com a súbita mudança, mas muito satisfeita por estar ainda existindo. “Agora, ao jardim!” E voltou correndo para a pequena porta, mas — que azar! — a pequena porta estava fechada outra vez, e a chavezinha dourada estava sobre a mesa de vidro, como antes. “As coisas estão piores do que nunca” pensou a pobre menina, “pois nunca fui tão pequena assim antes, nunca! E declaro que é ruim demais, isso é o que é!”.

Ao dizer essas palavras, seu pé escorregou e, num segundo — splash! —, estava mergulhada até o queixo em água salgada.

A primeira idéia que lhe passou pela cabeça foi que tinha caído no mar, “e nesse caso posso voltar de trem”, disse para si mesma. (Alice tinha ido à praia só uma vez na vida, mas chegara à conclusão geral de que, em qualquer ponto do litoral da Inglaterra, sempre se encontram cabines de banho no mar, crianças brincando com pazinhas na areia, uma fileira de casas para alugar e, atrás disso tudo, uma

estação ferroviária.) Porém, logo se deu conta de que estava no mar de lágrimas que chorara quando tinha dois metros e meio de altura. “Seria melhor não ter chorado tanto!” lamentou-se Alice enquanto nadava, tentando sair dali. “Parece que serei punida agora por isso, afogando-me em minhas próprias lágrimas! Será uma coisa esquisita, com certeza! Mas tudo está muito esquisito hoje.”

Naquele momento, percebeu que algo estava se movendo na água não longe dali, e foi nadando para ver o que era: a princípio achou que era uma morsa ou um hipopótamo, mas ao lembrar-se do quanto estava pequena, atinou que era apenas um rato que escorregara na água, assim como ela mesma. “Será que adiantaria”, pensou Alice,

“falar com este rato agora? Tudo está tão anormal por aqui, que seria bem possível ele responder; em todo caso, não custa nada tentar.” E começou: “Ó Rato, você sabe como se sai deste mar? Estou cansada de nadar aqui, ó Rato!” (Alice imaginava que fosse essa a forma correta de dirigir-se a um rato: ela nunca fizera algo assim antes, mas se lembrava muito bem de ter visto na Gramática Latina de seu irmão: “Um rato, de um rato, a um rato, um rato, ó rato!”).

O rato olhou-a de modo interrogativo, e pareceu até que piscava um de seus olhinhos, mas ele não disse nada. “Talvez ele não entenda inglês”, pensou Alice. “Quem sabe não é um rato francês, que veio à Inglaterra com Guilherme, o Conquistador?” Começou de novo: “Où est ma chatte?”, que era a primeira frase de seu livro de francês.

O Rato teve um sobressalto e pulou fora d’água, tremendo, arrepiado de medo. “Oh! Perdoe-me, por favor!” gritou depressa Alice, com medo de ter ferido os sentimentos do pobre animal. “Esqueci completamente que você não gosta de gatos.” “Não gosto de gatos!?” gritou o Rato com voz estridente e exaltada. “Você gostaria de gatos, se fosse eu?” “É, acho que não” falou Alice num tom suave. “Mas não fique bravo. Sabe, eu gostaria que você conhecesse nossa gata Diná. Acho que você simpatizaria com gatos na mesma hora, se a visse.

É tão meiga, tão quietinha”, prosseguiu Alice, falando um pouco para si própria, enquanto nadava preguiçosamente naquele mar, “e ela fica ronronando tão lindinha perto da lareira, lambendo suas patas e limpando seu rosto, e é tão macia de se acariciar, e é tão necessária para caçar camundongos... Oh! Perdoe-me, por favor!” implorou Alice de novo, pois dessa vez o Rato estava todo

eriçado, e ela teve certeza de que o ofendera verdadeiramente. “Não falaremos mais dela, se você preferir.” “Nós? Não diga!” berrou o Rato, que estava trêmulo até a ponta do rabo. “Como se eu tivesse falado de tal assunto!

Nossa família sempre detestou gatos: animais sórdidos, reles, vulgares! Não me fale essa palavra de novo!” “Juro que não falarei mais” disse Alice, com pressa de mudar o assunto da conversa. “Você gosta de... gosta de... Cachorros?”.

O Rato não respondeu. Então Alice prosseguiu, entusiasmada: “Tem um cachorrinho tão bonito perto de nossa casa, queria que você o conhecesse! Um pequenino terrier11 com olhos brilhantes, sabe, e com um longo pêlo castanho encaracolado! Ele vai buscar tudo o que atiramos para ele, sabe sentar-se e pedir sua refeição e tantas outras coisas — não me lembro agora nem da metade... Pertence a um fazendeiro, sabe? Ele diz que o cãozinho é muito útil e que custou bem caro! Diz que ele pega gatos e ratos — oh, meu Deus!” gritou Alice num tom desesperado. “Temo que o tenha ofendido de novo!” De fato, o Rato estava nadando o mais longe possível dela e produzindo uma grande agitação na água, por onde passava. Ela chamou docemente por ele: “Volte Rato querido! Volte! Não falaremos mais de gatos nem de cachorros, se você não quiser!” Ao ouvir isso, o Rato virou-se e começou a nadar devagarzinho em direção a ela: seu rosto estava pálido (de raiva, pensou Alice), e ele disse em voz baixa e trêmula,

“Vamos até a margem, que vou lhe contar a minha história. Você entenderá porque odeio cães e gatos.”

Já era tempo de sair, pois o mar estava ficando cheio de pássaros e outros animais que caíram ali: havia um Pato, um Dodo, um Louro, uma Aguieta e várias outras criaturas bizarras. Alice tomou a frente, e toda a turma foi nadando até a praia.

## CAPÍTULO 3

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## UMA CORRIDA ELEITORAL E O LONGO RABO DE UMA HISTÓRIA

Era de fato bizarro o grupo que se reuniu na margem: os pássaros arrastando a plumagem, os outros animais com o pêlo grudado ao corpo, todos ensopados, desconfortáveis e contrariados.

A primeira questão a ser colocada era, logicamente, como secar outra vez: fizeram uma consulta e, em alguns minutos, pareceu bastante natural a Alice o fato de estar conversando familiarmente com eles, como se já os conhecesse há muito tempo.

Na verdade, teve até uma longa discussão com o Louro, que por fim ficou ressentido e só dizia: “Sou mais velho que você, devo saber melhor.” E isso Alice não podia aceitar, sem antes saber se de fato ele era mais velho; mas como o Louro recusou-se terminantemente a dizer sua idade, a discussão terminou aí.

Finalmente o Rato, que parecia exercer alguma autoridade sobre eles, conclamou: “Sentem-se todos e escutem-me! Eu vou fazê-los secar rapidamente!”.

Todos se sentaram de uma vez num grande círculo, com o Rato ao meio. Alice fixou os olhos nele ansiosamente, porque estava certa de que pegaria um resfriado se não secasse logo. “Hum!” começou o Rato com ar importante. “Estão todos prontos? Vou contar a história mais árida que conheço. Façam silêncio, por favor! ‘Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi favorecida pelo Papa, logo obteve a submissão dos ingleses, que precisavam de um líder e nos últimos tempos já estavam habituados à usurpação e à conquista. Edwin e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria...” “Brrr!” fez o Louro, arrepiado. “Pois não?” disse o Rato franzindo a testa, mas muito polidamente. “Você disse alguma coisa?” “Eu, não!” respondeu apressado o Louro. “Pareceu-me”, disse o Rato. “Continuando: Edwin e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria, apoiaram-no, e até mesmo o patriota Stigand, arcebispo de Cantuária, achando isto conveniente...” “Achando o quê?” perguntou o Pato. “Achando isto” replicou o Rato muito irritado, “naturalmente você sabe o que isto quer dizer.” “Eu sei muito bem o que isto quer dizer, quando eu acho alguma coisa”, disse o Pato, “em geral é uma rã ou um verme. Mas a questão é: o que o arcebispo achou?” O Rato, não tomou conhecimento dessa pergunta, mas prosseguiu apressado,

“— achou conveniente ir com Edgar Atheling encontrar Guilherme e oferecer-lhe a coroa. A conduta de Guilherme foi, a princípio, moderada. Mas a insolência dos seus normandos... —

Como está se sentindo agora, minha cara?” perguntou, voltando-se para Alice. “Mais molhada do que nunca”, disse Alice num tom melancólico, “essa história

não me secou nem um pouco.” “Assim sendo”, disse solenemente o Dodo, erguendo-se, “eu proponho que esta assembléia seja suspensa, em vista da adoção imediata de medidas mais enérgicas...” “Fale claro!” reclamou a Aguieta. “Não sei o que significa nem a metade dessas palavras compridas e, o que é pior, eu também não acredito que você saiba!” E a Aguieta abaixou a cabeça para esconder um sorriso: as outras aves riram descaradamente. “O que eu ia dizer”, prosseguiu o Dodo com voz ofendida, “era que nada melhor para nos secar do que uma corrida eleitoral.” “E o que é uma corrida eleitoral?” perguntou Alice, não porque quisesse realmente saber, mas porque o Dodo fizera uma pausa, como se alguém devesse perguntar, mas ninguém parecia inclinado a dizer nada.

“Ora”, disse o Dodo, “a melhor maneira de explicar isso é fazer.” (E como vocês talvez queiram experimentar essa tal corrida em algum dia de inverno. Vou contar-lhes exatamente o que fez o Dodo.)

Primeiro demarcou a pista, traçando uma espécie de círculo (“a forma exata não importa muito”, explicou ele), depois toda a turma foi colocada em fila ao longo da pista, aqui e acolá. Não havia nada de “Um, dois, três, já!”, pois cada um começava a correr quando quisesse, e parava também quando quisesse, de modo que não era nada fácil saber quando a corrida terminava.

Todavia, depois de terem corrido por mais ou menos meia hora e estarem já quase secos de novo, o Dodo gritou de repente: “Acabou a corrida!” E todos se juntaram em torno dele, ofegantes, perguntando: “Mas quem ganhou?” O Dodo teve de refletir muito antes de responder a essa pergunta. Ficou por longo tempo com um dedo apoiado sobre a fronte (na mesma posição em que geralmente se vê retratado Shakespeare), enquanto todos esperavam em silêncio. Enfim, o Dodo falou: “todo mundo ganhou, e todos devem ser premiados”. “Mas quem vai dar os prêmios?” indagou um coro de vozes. “Ora, ela, é claro”, respondeu o Dodo, apontando com um dedo para Alice.

E todo o grupo ajuntou-se em volta dela, numa confusão, clamando: “Prêmios!

Prêmios!” Alice não tinha a menor idéia do que fazer; desesperada, meteu a mão no bolso, tirou uma caixa de confeitos (por sorte a corrida eleitoral. a água salgada não tinha entrado ali) e começou a distribuí-los como prêmios. Tinha exatamente um para cada. “Mas ela também deve ser premiada, não é?” disse o Rato.

“É claro”, respondeu o Dodo com ar sério. “O que mais você tem no bolso?” prosseguiu ele, voltando-se para Alice. “Só um dedal”, respondeu tristemente Alice. “Dê-

me aqui”, disse o Dodo. Então todos se ajuntaram outra vez em volta dela, enquanto o Dodo solenemente lhe oferecia o dedal, dizendo: “Rogamoslhe que aceite este elegante dedal”. Assim que ele encerrou este breve discurso, todos aplaudiram. Alice achou tudo um grande absurdo, mas todos pareciam tão sérios que ela não ousou dar risada.

E, como não achava nada para dizer, ela simplesmente fez uma mesura, pegou o dedal e olhou para ele da maneira mais solene possível. Em seguida começaram a comer os confeitos. Isso causou grande barulho e confusão, pois os pássaros maiores reclamavam que quase não tinham podido sentir o gosto, enquanto os menores engasgavam e tiveram de levar tapinhas nas costas.

Enfim, tudo terminou, e todos se sentaram outra vez em roda, pedindo ao Rato que lhes contasse mais alguma coisa. “Você me prometeu contar sua história, lembra-se?” falou Alice, “e dizer por que detesta tanto os c... e os g...”, acrescentou num sussurro, com medo que ele se ofendesse de novo. “Minha história é longa e triste como uma cauda!” disse o Rato, voltando-se para Alice e suspirando. “De fato, é uma longa cauda”, disse Alice olhando com espanto para o rabo do Rato; “mas por que dizer que é triste?” E ela continuou remoendo esta pergunta enquanto o Rato falava, de modo que a idéia que ela guardou da história foi mais ou menos assim:

“Lino encontra na sala um ratinho e lhe fala: “vou levar-te à justiça, pois serás processado. Chega já de argumento. “Há de haver julgamento, dado que esta manhã, eu não estou ocupado.” “Senhor, tal julgamento será perda de tempo”, diz o rato ao felino,

“sem juiz, júri ou corte.” Lino, astuto, lhe diz:

“serei júri e juiz, vou julgar-te e a sentença será a pena de morte.”

“Você não está prestando atenção!” disse o Rato para Alice, em tom de censura, “em que está pensando?” “Peço desculpas”, disse Alice humildemente, “você já tinha chegado na quinta volta, não é?” “Não, eu estava na nona linha!” gritou com rispidez o Rato, furioso. “Nó na linha?!” disparou Alice, querendo ser prestativa e olhando ansiosamente em volta, “me deixe ajudar a desatá-lo!” “De

jeito nenhum", disse o Rato, levantando-se para ir embora. "Você me insulta dizendo tais bobagens!" "Não foi por mal!" defendeu-se a pobre Alice. "Mas você se ofende com qualquer coisa!" Como resposta, o Rato apenas resmungou. "Por favor, volte e termine a sua história!" implorou Alice. E todos disseram em coro: "Sim, por favor, volte!" Mas o Rato limitou-se a balançar a cabeça, impaciente, e apressou-se ainda mais. "Que pena ele não querer ficar!" suspirou o Louro, assim que o perdeu de vista.

E uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer a sua filha: "Viu minha querida? Que isso sirva de lição para você nunca perder a sua calma!" "Fique quieta, mãe!" replicou a jovem Carangueja, com certa petulância. "Você faz até uma ostra perder a paciência!" "Só queria que Diná estivesse aqui, queria mesmo!" disse Alice em voz alta, mas sem se dirigir a ninguém em particular. "Ela o traria de volta num instante!" "E quem é Diná, se é que posso ousar esta pergunta?" disse o Louro.

Alice respondeu com entusiasmo, pois estava sempre disposta a falar de seu animalzinho: "Diná é a gata lá de casa. E ela é perfeita para pegar ratos, vocês não podem imaginar! Só queria que vocês a vissem caçando passarinhos! É olhar e pegar num segundo!" Este discurso causou extraordinária sensação no grupo. Algumas aves debandaram de vez: uma velha Gralha cautelosa mente encolheu-se toda e observou: "Acho melhor eu voltar para casa; este sereno faz mal à minha garganta!" Uma Canária chamou seus filhotes com voz trêmula: "Vamos embora, meus queridos! É hora de estarem todos na cama!" Assim, sob vários pretextos, todos se afastaram, e Alice acabou ficando sozinha. "Era melhor não ter falado de Diná!" disse a si mesma em tom melancólico. "Parece que ninguém gosta dela por aqui, mas eu tenho certeza que ela é a melhor gata do mundo! Ah, querida Diná, será que algum dia vou ver você de novo?"

E então a pobre Alice recomeçou a chorar, porque se sentia muito sozinha e deprimida. Logo em seguida, porém, ouviu outra vez um ranger de passos à distância. Alçou os olhos com impaciência, esperançosa de que o Rato tivesse mudado de idéia e estivesse voltando para terminar sua história.

## CAPÍTULO 4

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## O COELHO DÁ UM ENCARGO A BILL

Era o Coelho Branco, que voltava devagarzinho, olhando em volta impaciente, como se tivesse perdido alguma coisa.

Ela o ouviu murmurando para si mesmo: “A Duquesa! A Duquesa! Oh, minhas pobres patas! Oh, meu pêlo e meus bigodes! Ela me fará executar, tão certo quanto um furão é um furão! Eu só queria saber onde foi que deixei isso cair, onde!” Alice adivinhou na hora que ele estava procurando o leque e o par de luvas brancas e, muito gentilmente, começou a procurar também. Mas não estavam em lugar nenhum... E tudo parecia ter-se transformado desde que ela caíra na lagoa de lágrimas: a grande sala, com a mesa de vidro e a portinha, tinha desaparecido completamente.

Não demorou para o Coelho descobrir Alice, que continuava procurando as luvas. Disse a ela em tom áspero: “Ora essa, Mary Ann, o que você está fazendo aqui? Vá para casa já e me traga um leque e um par de luvas! Rápido, agora!” Alice ficou tão apavorada que disparou correndo na direção que o Coelho apontara, sem tentar explicar o engano que ele cometera. “Ele pensou que eu fosse sua criada...” disse a si mesma enquanto corria. “Vai se surpreender quando descobrir quem eu sou! Mas é melhor eu trazer seu leque e suas luvas... isto é, se conseguir encontrá-los.” Ao dizer isso, deparou com uma linda casinha, em cuja porta havia uma brilhante placa de bronze com o seguinte nome gravado: “COELHO B.”

Ela entrou sem bater e subiu correndo as escadas, com grande receio de encontrar a verdadeira Mary Ann e ser expulsa da casa antes de encontrar o leque e as luvas. “Como é esquisito”, disse Alice a si mesma, “estar cumprindo ordens de um coelho!

Na próxima vez será Diná a me passar incumbências...” E começou a imaginar o tipo de coisa que poderia acontecer: “‘Senhorita Alice! Venha aqui imediatamente e esteja pronta para o passeio!’‘Só um minuto, ama! Tenho que vigiar este buraco de rato até que Diná volte, para ver se o rato não sai.’ Mas eu não acredito muito”, Alice continuou pensando,

“que vão deixar Diná ficar lá em casa, se ela começar a dar ordens desse jeito!” Nesse momento, ela adentrou um quarto pequeno e asseado, com uma mesa junto à janela e, sobre a mesa (como ela esperava), um leque e dois ou três pares de pequenas luvas branquíssimas.

Ela já ia saindo do quarto quando seus olhos toparam com uma garrafinha que estava perto do espelho. Dessa vez, não havia nenhum rótulo com os dizeres “BEBA-ME”; não obstante, ela destapou a garrafa e levou-a a boca. “Eu sei que algo interessante sempre acontece”, disse consigo, “quando eu como ou bebo alguma coisa: só quero ver o que esta garrafa faz. Espero crescer de novo, pois estou realmente cansada de ser uma coisinha tão pequena!”

E de fato aconteceu, mas muito mais rápido do que ela esperava: antes de ter bebido a metade da garrafa, sentiu sua cabeça batendo contra o teto e teve de curvar-se para não quebrar o pescoço. Pôs logo a garrafa no chão, dizendo para si mesma, “acho que basta... espero não crescer ainda mais... pois assim como estou já não conseguirei passar pela porta... seria melhor não ter bebido tanto!” Coitada!

Era tarde demais para desejar isso! Continuou crescendo e crescendo, e logo teve de ajoelhar-se: mais um minuto e já nem caberia mais no quarto. Tentou deitar-se no chão com um cotovelo apoiado à porta e o outro braço enroscado sobre a cabeça. Mas ainda continuou crescendo e, como último recurso, pôs um braço para fora da janela e uma perna por dentro da chaminé, dizendo para si mesma, “agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que será de mim?” Para sorte de Alice, o efeito da garrafinha mágica terminara, e ela não cresceu mais: porém, ainda estava muito desconfortável, e como não lhe parecia existir nenhuma chance de sair daquele quarto, naturalmente ela se sentia infeliz. “Era muito mais agradável lá em casa”, pensou a pobre Alice, “quando não se ficava crescendo e diminuindo o tempo todo, nem recebendo ordens de ratos e coelhos.

Eu quase desejaria não ter entrado na toca do coelho... apesar disso... apesar disso... é bem curioso, sabe este tipo de vida! Eu queria saber o que foi que aconteceu comigo.

Quando eu lia contos de fadas, imaginava que esse tipo de coisa nunca acontecia, mas, agora, eis me no meio de uma história dessas! Deve ter algum livro escrito sobre mim, deve ter! E, quando eu crescer, vou escrever um... Mas eu já cresci”, acrescentou num tom lastimoso, “pelo menos aqui não há espaço para crescer mais.” “Mas então”, pensou Alice,

“será que eu nunca vou ficar mais velha do que estou agora? Deve ser reconfortante, por um lado, nunca ser velha... mas então... ter sempre lições para

aprender? Oh, disso eu não gostaria!” “Ah, Alice, sua tola!” respondeu a si mesma. “Como você poderia ter lições aqui?

Ora, quase não tem espaço para você, quanto mais para os livros da escola!” E assim continuou, de um lado formulando perguntas, de outro respondendo, como se conversasse consigo mesma. Mas de repente ouviu uma voz do lado de fora e parou para escutar. “Mary Ann! Mary Ann!” dizia a voz. “Traga já minhas luvas!” Em seguida ouviu-se um barulhinho de passos na escada. Alice compreendeu que era o Coelho que vinha procurar por ela, e tremeu tanto que sacudiu a casa toda, esquecida de que agora estava umas mil vezes maior que o Coelho e, por isso, não tinha nenhuma razão para temê-lo.

Neste momento, o Coelho chegou à porta e tentou abri-la. Mas, como a porta abria para dentro, e o cotovelo de Alice estava apoiado nela, a tentativa do Coelho falhou.

Alice ouviu-o dizer: “Vou dar a volta e entrar pela janela.” “Não vai, não!” pensou Alice.

E ficou esperando até ouvir o Coelho chegar bem debaixo da janela. Então, fez um gesto brusco com a mão no ar, como se fosse agarrar alguma coisa.

Não agarrou nada, mas ouviu um gritinho, uma queda e um barulho de vidro quebrando, o que a fez concluir que ele possivelmente tivesse caído numa estufa para pepinos ou coisa parecida.

Em seguida ouviu-se uma voz colérica — a do Coelho: “Pat! Pat! Onde está você?”

E então uma voz que ela nunca ouvira antes: “É claro que estou aqui! Estou colhendo maçãs, Excelência!” “Colhendo maçãs, ora essa!” disse o Coelho, irado. “Venha cá! Ajude-me a sair disso!” (Mais barulho de vidro quebrado.) “Agora me responda, Pat: o que é aquilo na janela?” “É claro que é um braço, Excelência!” (Ele pronunciava

“Incelência”.) “Como um braço, seu pateta?! Quem já viu um braço desse tamanho? Ora, ora, ele ocupa a janela inteira!” “É claro que ocupa Excelência, mas não deixa de ser um braço.” “Bem, seja como for, ele não deveria estar ali. Vá e tire-o de lá!” Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só pôde ouvir sussurros aqui e ali. Tais como: “É claro que eu não estou gostando nada disso,

Excelência, nada, nada!”.

“Faça como estou dizendo, seu covarde!”

Enfim, ela espalmou a mão de novo e fez outro gesto brusco como se agarrasse o ar. Desta vez ouviram-se dois gritinhos e mais barulho de vidro quebrando.

“Quantas estufas para pepinos deve ter aí?!” pensou Alice. “Eu só queria saber o que eles vão fazer agora! Puxar-me pela janela... eu bem que gostaria que eles pudessem! Só sei que não quero ficar aqui por muito tempo!” Esperou algum tempo sem escutar mais nada.

Finalmente, ouviu o ruído de uma carroça e muitas vozes falando ao mesmo tempo.

Conseguiu escutar: “Onde está a outra escada? — Ora, só pude trazer uma. Bill está com a outra. — Bill traga-a aqui, rapaz! — Aqui, aqui neste canto. — Não, amarre as duas primeiro... elas não chegam nem na metade. — Chegam sim. Não seja tão exigente. — Aqui, Bill! Segure esta corda. — Será que o telhado agüenta? — Atenção com aquela telha solta. —

Oh, está caindo! Abaixem a cabeça!”(grande estrondo). “Quem fez isso? — Foi Bill, aposto.

— E quem vai descer pela chaminé? — Eu, não! Vá você! — Então eu também não vou! — É

Bill quem vai. — Bill vem cá! O patrão diz que você é quem vai descer pela chaminé!” “Oh!

Então é Bill quem vai descer pela chaminé?” disse Alice a si mesma. “Parece que eles põem tudo em cima desse Bill! Eu não queria estar no lugar de Bill por nada deste mundo! Esta lareira é estreita, é verdade, mas acho que posso dar um pontapezinho!” Ela esticou o pé o quanto pôde sob a chaminé e esperou até ouvir um pequeno animal (ela não conseguiu descobrir qual era) arrastar-se e arranhar a chaminé bem acima dela.

Então, dizendo a si mesma: “É Bill”, deu um pontapé certeiro e esperou para ver o que acontecia. A primeira coisa que ouviu foi um coro geral dizendo: “Lá vai Bill!”; depois só a voz do Coelho: “Vão pegá-lo, vocês aí perto da cerca!”;

depois silêncio; e depois outra confusão de vozes: “Levantem a cabeça dele! — Um pouco de conhaque, rápido! — Cuidado para não asfixiá-lo! — O que foi, amigo velho? O que houve com você?

Conte para nós!”

Em seguida ouviu-se uma vozinha fraca e esganiçada (“É Bill”, pensou Alice).

“Bem, não sei ao certo... Basta! Obrigado... Estou melhor agora... Mas ainda estou abalado demais para contar... Tudo o que sei é que algo me empurrou... uma espécie de boneco de mola... e eu disparei feito um foguete!” “Foi isso mesmo, amigo velho!” disseram os outros. “É melhor pôr fogo na casa!” disse a voz do Coelho.

Então Alice gritou o mais alto que pôde: “Se fizerem isso, eu solto Diná em cima de vocês!” Por um momento fez-se um silêncio mortal, e Alice pensou: “O que será que eles vão fazer agora? Se tivessem bom senso, tirariam o telhado.” Após um ou dois minutos, começaram a mover-se de novo, e Alice ouviu o Coelho dizer: “Uma carriola cheia basta, para começar.” “Uma carriola cheia de quê?” pensou Alice. Mas não teve muito tempo para pensar, pois logo em seguida uma chuva de pedrinhas começou a sacudir a janela, e algumas lhe acertaram o rosto. “Vou pôr um fim nisso”, disse consigo, e gritou: “É

melhor vocês pararem!”, o que produziu mais um silêncio mortal. Alice percebeu, com certa surpresa, que todas as pedrinhas estavam se transformando em pequenos bolos, conforme caíam no chão. E teve uma brilhante idéia: “se eu comer um desses bolos” pensou, “é certo que ocorrerá alguma mudança no meu tamanho. E, como não posso crescer mais, acho bem provável que eu diminua.” Engoliu um dos bolinhos e surpreendeu-se ao ver que tinha começado a encolher instantaneamente.

Assim que atingiu o tamanho suficiente para passar pela porta, correu para fora da casa e encontrou uma pequena multidão de bichos e aves esperando ali. Bill, o pobre lagartinho, estava no meio, amparado por dois porquinhos-da-índia, que lhe davam algo para beber de uma garrafa.

Todos se voltaram bruscamente para Alice quando ela apareceu.

Porém ela correu o mais rápido que pôde e logo se achou a salvo em um bosque fechado. “A primeira coisa a fazer”, falou Alice a si mesma, enquanto observava

o bosque ao redor, “é voltar ao meu tamanho normal, e a segunda é encontrar o caminho para aquele lindo jardim. Acho que este é o melhor plano.” Parecia um plano excelente, sem dúvida, muito simples e bem organizado: a única dificuldade era que ela não fazia a menor idéia de como realizá-lo. E, enquanto ia espreitando ansiosamente entre as árvores, um latido estridente bem acima de sua cabeça a fez erguer o olhar com pressa. Um enorme cãozinho estava olhando para ela com olhos arregalados e esticando timidamente uma pata para tentar alcançá-la. “Pobre bichinho!” disse Alice em tom suave. E tentou assobiar para ele, mas estava o tempo todo terrivelmente amedrontada com o pensamento de que ele poderia estar com fome e, nesse caso, seria bem provável que a devorasse, apesar de toda a suavidade dela.

Sem dar conta do que estava fazendo, Alice apanhou um pequeno graveto e o estendeu para ele: na mesma hora o cãozinho saltou no ar com as quatro patas de uma vez, soltando um ganido de alegria, e investiu contra o graveto como se fosse agarrá-lo com os dentes. Alice escondeu-se atrás de um grande cardo, com medo de ser pisada.

E, quando ela apareceu do outro lado, o cãozinho investiu outra vez contra o graveto; porém, com a pressa de pegá-lo caiu de cabeça. Alice, então, achando que aquilo era como brincar com um cavalo e temendo a cada instante ser esmagada sob suas patas, correu de volta para o cardo.

O cãozinho começou então uma série de investidas contra o graveto, indo a cada vez um pouco para frente e muito para trás, rosnando o tempo todo, até que se cansou e sentou-se mais adiante, ofegando, com a língua de fora e seus grandes olhos quase fechados.

Pareceu a Alice uma boa oportunidade para escapar: disparou num ímpeto e correu até cansar e ficar sem fôlego, e até que o latido do cãozinho quase sumisse na distância. “Apesar de tudo, era uma graça de cãozinho!” falou Alice, enquanto se recostava num ranúnculo para descansar e abanar-se com uma folha. “Eu adoraria ensinar-lhe umas brincadeiras, se... se eu tivesse o tamanho certo para isso! Oh, meu Deus! Quase me esqueci que tenho de crescer outra vez! Deixe-me ver... como se faz isso? Acho que devo comer ou beber alguma coisa; mas a grande questão é ‘O quê? ’ A grande questão certamente era ‘O quê?’.

Alice olhou as flores e as folhas de relva ao redor, mas não viu nada que parecesse a coisa certa para comer ou beber naquelas circunstâncias.

Havia, porém, um grande cogumelo ali perto, mais ou menos da sua altura; depois de olhar embaixo dele, dos lados e atrás, ocorreu-lhe que poderia muito bem olhar em cima e ver se havia algo ali.

Esticou-se na ponta dos pés e espiou em cima do cogumelo. Seus olhos imediatamente encontraram os de uma grande lagarta azul que estava sentada bem no topo do cogumelo, com os braços cruzados, fumando calmamente um longo narguilé, sem prestar a mínima atenção a ela ou a qualquer outra coisa.

CAPÍTULO 5

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

# CONSELHOS DE UMA LAGARTA

A Lagarta e Alice olharam-se por algum tempo em silêncio.

Por fim, a Lagarta tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se a Alice com voz lânguida e sonolenta: “Quem é você?” Não era um começo de conversa encorajador. Alice respondeu muito tímida: “Eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...”

“O que você quer dizer com isto?” perguntou a Lagarta com rispidez. “Explique-se melhor!”

“Acho que eu mesma não posso me explicar melhor, senhora”, disse Alice, “porque eu não sou eu mesma, compreende?” “Não, não compreendo”, respondeu a Lagarta. “Temo não poder explicar melhor”, replicou Alice educadamente, “porque eu mesma não posso entender, para começar... ter tantos tamanhos diferentes em um só dia é muito confuso.”

“Não é não”, falou a Lagarta. “Bem, talvez a senhora ainda não tenha passado por isso”, disse Alice, “mas quando a senhora se transformar numa crisálida — e isso vai acontecer um dia, a senhora deve saber — e depois numa borboleta, eu acho que vai sentir-se um pouco estranha, não vai?” “Nem um pouco”, respondeu a Lagarta. “Bem, talvez os seus sentimentos sejam diferentes”, disse Alice, “mas o que sei é que tudo isso parece muito estranho para mim.” “Você!” falou a Lagarta com desprezo. “Quem é você?” Isso as conduzia de novo ao início da conversa. Alice ficou um pouco irritada com o fato de a Lagarta ficar fazendo tais interrupções. Empinou-se e disse em tom muito sério: “Acho que a senhora é que devia me dizer primeiro quem é.” “Por quê?” disse a Lagarta. Aí estava outra questão complicada. Como não encontrou nenhuma boa razão, e a Lagarta parecia estar num espírito muito desagradável, Alice virou as costas para ir embora. “Volte!” chamou a Lagarta. “Tenho algo importante a dizer.” Isto sem dúvida parecia promissor.

Alice voltou. “Mantenha a calma”, disse a Lagarta. “É tudo?” perguntou Alice, tentando conter o mais possível sua irritação. “Não”, disse a Lagarta. Alice pensou que podia muito bem esperar, pois não tinha mesmo nada para fazer e, além disso, talvez a Lagarta lhe dissesse algo que valesse a pena. Por alguns

minutos a Lagarta só fumou sem dizer nada.

Por fim descruzou os braços, tirou o narguilé da boca e disse: “Então você acha que mudou muito, é?” “Tenho a impressão que sim”, falou Alice. “Eu não consigo me lembrar das coisas como antes, e eu não fico do mesmo tamanho nem dez minutos seguidos!” “Não consegue se lembrar de que coisas?” perguntou a Lagarta. “Bem, eu tentei recitar ‘A abelhinha diligente’, mas saiu tudo errado!” respondeu Alice com voz melancólica. “Recite

‘Estás velho, Pai William’”, sugeriu a Lagarta.

Alice juntou as mãos e começou: “Estás velho, Pai William”, o moço lhe disse,

“e grisalho também — é a maneira adequada, a teu ver, de passar a velhice, plantar horas a fio bananeira?” “Quando jovem”, Pai William falou para o moço, “eu temia lesões cerebrais: como nunca — hoje sei — tive um cérebro, posso fazer dessas e cada vez mais.”

“Estás velho”, seu filho falou-lhe, “e anormal é o tamanho da tua barriga: frente à porta, porém, deste um salto mortal — que faz com que alguém o consiga?” “Quando jovem”, o sábio de cãs disse no ato, “manteve-me lépido e forte este ungüento — não queres comprá-

lo? É barato: eu vendo a um tostão cada pote.” “Estás velho e as maxilas que tens”, disse o moço, “talvez não mastiguem nem banha, mas devoras um ganso e não poupas nem osso, nem bico sequer — qual a manha?”

“Quando jovem e justo”, o pai disse, “eu argüia caso a caso com minha mulher e o exercício que fiz há de dar-me energia à mandíbula enquanto eu viver.” “Estás velho”, falou-lhe o rapaz, “e eu diria que a tua visão é ruim — equilibras, porém, no nariz uma enguia: que torna alguém ágil assim?” “Respondi três questões tolas: fim da sessão”, o pai disse-lhe, “abaixa teu facho, pois não tenho mais tempo e dá o fora, senão eu chuto-te escadas abaixo.” “Não recitou certo”, disse a Lagarta. “Não muito certo, de fato”, disse Alice com timidez, “acho que algumas palavras saíram erradas.” “Saiu errado do começo ao fim”, disse a Lagarta com firmeza. Depois se seguiram alguns minutos de silêncio. A Lagarta foi a primeira a falar. “De que tamanho você quer ficar?” perguntou ela. “Oh, não faço questão do tamanho”, respondeu Alice prontamente, “mas ninguém gosta de ficar mudando tanto assim, a senhora sabe.” “Não, eu não sei”, disse a Lagarta. Alice não disse nada. Ela jamais tinha sido tão contestada em toda sua

vida e sentiu que estava perdendo a paciência. “Você está satisfeita desse jeito?” indagou a Lagarta. “Bem, eu gostaria de ficar um pouquinho maior, se a senhora não se importar”, falou Alice, “sete centímetros e meio é uma altura tão insignificante!”

“É uma altura muito boa, ora!” respondeu rispidamente a Lagarta, erguendo-se enquanto falava (ela tinha exatos sete centímetros e meio de altura). “Mas eu não estou acostumada!” lamentou a pobre Alice, em tom desanimado. E pensou: “Só queria que essas criaturas não se ofendessem com tanta facilidade!” “Com o tempo você vai se acostumar”, disse a Lagarta, colocando o cachimbo na boca. E começou a fumar outra vez. Desta vez, Alice esperou pacientemente até que ela resolvesse falar de novo. Após um ou dois minutos, a Lagarta afastou o narguilé, bocejou uma ou duas vezes e espreguiçou-se. Depois desceu do cogumelo e saiu rastejando pela grama, dizendo simplesmente, enquanto se afastava: “Um lado fará você crescer, o outro fará você diminuir.” “Um lado de quê? O

outro lado de quê?” pensou Alice com seus botões. “Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se Alice tivesse perguntado em voz alta. Logo depois, sumiu de vista. Alice ficou olhando pensativamente para o cogumelo durante um minuto, tentando descobrir quais seriam os dois lados, pois, como o cogumelo era perfeitamente redondo, pareceu-lhe uma difícil questão. Entretanto, ela esticou os braços em volta dele, o mais distante possível um do outro, e tirou um pedacinho de cada lado. “E agora, qual é qual?” disse a si mesma. E

experimentou um pedacinho da direita para ver o efeito. Imediatamente sentiu um violento impacto sob o queixo: ele tinha batido nos pés! Ela ficou assustadíssima com esta súbita mudança, mas achou que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo rápido demais: esforçou-se, então, para comer um pedacinho do outro lado. Seu queixo estava tão apertado contra os pés que ela mal podia abrir a boca. Por fim, conseguiu engolir um pouco do pedaço da mão esquerda.

“Que bom, ao menos minha cabeça está livre!” falou Alice com grande alívio, que logo depois se transformou em susto, quando ela percebeu que seus ombros não estavam em lugar nenhum: tudo o que ela conseguia ver, ao olhar para baixo, era uma imensa extensão de pescoço, que parecia erguer-se como uma chaminé do mar de folhas verdes que estavam bem abaixo dela. “O que será todo aquele verde?” perguntou-se Alice.

“E onde foram parar meus ombros? E minhas pobres mãozinhas, como é que eu não vejo vocês?” Ela chacoalhava as mãos enquanto falava, mas sem nenhum resultado: só via uma ligeira agitação em meio às distantes folhas verdes. Como não parecia haver a menor chance de trazer suas mãos para perto da cabeça, Alice tentou levar sua cabeça até as mãos, e ficou encantada ao descobrir que podia mover seu pescoço facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela conseguiu curvá-lo em um gracioso ziguezague e ia mergulhar entre as folhas — que descobriu serem nada mais que a copa das árvores sob as quais estivera vagando — quando um silvo agudo a fez recuar às pressas. Uma grande pomba voara de encontro ao seu rosto e estava batendo nela violentamente com as asas.

“Serpente!” gritou a Pomba. “Eu não sou uma serpente!” disse Alice indignada. “Deixe-me em paz!” “Serpente, repito!” insistiu a Pomba, porém num tom menos enfático. E

acrescentou, com uma espécie de suspiro: “Eu tentei de tudo, mas nada parece adiantar com elas!”

“Não faço a mínima idéia do que você está falando!” disse Alice. “Eu tentei as raízes das árvores, tentei as ribanceiras, tentei as cercas...” continuou a Pomba, sem dar atenção a ela, “mas estas serpentes... não dão sossego!” Alice estava cada vez mais embaraçada, todavia achou que não adiantaria dizer coisa alguma enquanto a Pomba não parasse de falar. “Como se não bastasse ter de chocar os ovos”, disse a Pomba, “eu sou obrigada a vigiar serpentes noite e dia! Ora, faz três semanas que eu não consigo pregar o olho!” “Eu sinto muito por esses aborrecimentos todos”, disse Alice, começando a entender a situação. “E justo quando arranjei a árvore mais alta do bosque”, continuou a Pomba, erguendo a voz até gritar, “e justo quando pensei que estava livre delas de uma vez por todas, elas vêm se enrolando lá do céu! Ugh, Serpente!” “Mas eu não sou uma serpente, já disse!” falou Alice. “Eu sou... eu sou...” “Bem! O que você é?” disse a Pomba. “Percebo que você está tentando inventar alguma coisa!” “Eu... eu sou uma menina”, disse Alice, muito encabulada, relembrando todas as mudanças que tinha sofrido aquele dia. “Uma bela história, de fato!” disse a Pomba com o mais profundo desprezo. “Eu já vi muitas garotinhas na minha vida, mas nunca vi alguma com um pescoço assim! Não, essa não! Você é uma serpente, não adianta negar. Só falta você me dizer que jamais provou um ovo!” “Eu já provei ovos, sim”, falou Alice, que sempre dizia a verdade, “mas as meninas comem ovos tanto quanto as serpentes, saiba disso.” “Eu não acredito”, disse a Pomba;

“mas, se for verdade, então elas são uma espécie de serpente: é tudo o que posso dizer.” Esta idéia era tão nova para Alice que ela ficou em silêncio por um ou dois minutos, o que deu oportunidade à Pomba para acrescentar: “Você está procurando ovos, sei disso muito bem. Que diferença faz para mim se você é uma menina ou uma serpente?”

“Faz muita diferença para mim”, foi dizendo Alice, “mas acontece que não estou procurando ovos; e, mesmo se estivesse, eu não quereria os seus: não gosto de ovos crus.”

“Saia daqui, então!” concluiu a Pomba, irritada, indo se acomodar outra vez em seu ninho.

Alice fez o possível para agachar-se entre as árvores, pois seu pescoço se enroscava nos galhos e a todo minuto ela tinha de parar para desenroscá-lo.

A certo ponto, lembrou-se de que ainda estava segurando os pedaços do cogumelo e, com muito cuidado, começou a mordiscar primeiro um, depois o outro, crescendo um pouco e encolhendo outro tanto, até conseguir voltar à sua altura normal.

Fazia tanto tempo que ela não tinha o seu tamanho normal que a princípio sentiu-se um pouco estranha.

Mas logo se habituou e, como de costume, começou a conversar consigo mesma: “Muito bem, já realizei metade do meu plano! Que confusão, essas mudanças todas! Nunca sei o que vai me acontecer de um momento para o outro! Pelo menos, voltei ao meu tamanho normal: a próxima etapa é entrar naquele delicioso jardim... Eu só queria saber como fazer isso!” Enquanto dizia estas palavras, encontrou-se diante de uma clareira, com uma casinha de aproximadamente um metro de altura no meio. “Seja quem for que more aí”, pensou Alice, “não seria bom que eu entrasse com este tamanho: tomariam um susto de matar!”

Então, outra vez comeu um pedacinho do cogumelo da mão direita, e não se aventurou a se aproximar da casa antes que diminuísse até uns vinte e cinco centímetros de altura.

## CAPÍTULO 6

# PORCO E PIMENTA

Durante um ou dois minutos Alice ficou parada diante da casa, perguntando a si mesma o que fazer. De repente, surgiu correndo do meio do bosque um mordomo de 30

libré (ela achou que era um mordomo por causa da libré; pois, a julgar apenas pela sua cara, ela diria que era um peixe), o qual bateu ruidosamente à porta com os nós dos dedos.

Abriu-a um outro mordomo de libré, com uma cara redonda e grandes olhos de sapo. Ambos os criados, observou Alice, usavam perucas empoadas31 e encaracoladas. Alice ficou muito curiosa por saber o que era tudo aquilo e saiu um pouquinho do bosque para escutar.

O Mordomo-Peixe tirou de baixo do braço uma grande carta, mais ou menos do seu próprio tamanho, e entregou-a ao outro, dizendo em tom solene: “Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croquet.” O Mordomo-Sapo repetiu a frase, no mesmo tom solene, apenas trocando a ordem das palavras: “Da Rainha. Um convite à Duquesa para jogar croquet.”

Daí ambos inclinaram-se, e suas perucas enredaram-se uma na outra. Alice riu tanto com isso que teve de voltar para o bosque, com medo de que a ouvissem. Quando espiou de novo, o Mordomo-Peixe tinha ido embora, e o outro estava sentado no chão junto à porta, olhando estupidamente para o céu. Alice aproximou-se, um pouco tímida, e bateu à porta.

“De nada adianta bater”, disse o Mordomo-Sapo, “e isso por duas razões.

Primeiro, porque eu estou do mesmo lado da porta que você está. Segundo, porque estão fazendo tanto barulho lá dentro, que ninguém a ouviria.” E, de fato, havia um barulho fora do comum vindo de lá: uivos e espirros constantes, e de quando em quando um grande estrondo, como se quebrassem pratos e panelas. “Então, por favor”, disse Alice, “como faço para entrar?” “Teria algum sentido você bater”, prosseguiu o Mordomo, sem dar atenção a ela, “se a porta estivesse entre nós. Por exemplo, se você estivesse dentro, poderia bater, e eu a deixaria sair, não é mesmo?”

Ele olhava para o céu todo o tempo, enquanto falava, o que Alice considerou definitivamente grosseiro. “Mas talvez ele não possa evitar isso”, pensou ela, “afinal seus olhos estão muito no topo da cabeça. Mas, de toda maneira, ele poderia responder perguntas. — Como faço para entrar?” repetiu, em voz alta. “Ficarei sentado aqui”, observou o Mordomo, “até amanhã...” Nesse momento a porta se abriu, e um grande prato veio voando para fora, na direção da cabeça do Mordomo; porém apenas roçou seu nariz e foi despedaçar-se contra uma árvore atrás dele. “... ou depois de amanhã, talvez”, continuou o Mordomo exatamente no mesmo tom, como se nada tivesse acontecido. “Como faço para entrar?” Alice perguntou de novo, mais alto. “Você tem de entrar mesmo?” disse o Mordomo. “Esta é a primeira questão, não é?” Era, sem dúvida: só que Alice não gostou nada que lhe falassem assim. “É realmente espantoso”, murmurou Alice consigo, “como essas criaturas gostam de discutir. É de enlouquecer qualquer um!” Parece que o Mordomo achou aí uma boa oportunidade para repetir, com algumas variações, sua observação:

“Ficarei sentado aqui”, foi dizendo ele, “de vez em quando, por dias e dias.” “Mas e eu, como devo fazer?” falou Alice. “Como você quiser”, disse o Mordomo, e começou a assobiar. “Ora, não adianta falar com ele”, falou Alice, desesperada, “é um perfeito idiota!”

Então, abriu a porta e entrou. A porta abria-se diretamente para uma ampla cozinha, que estava enfumaçada de uma ponta à outra. A Duquesa estava sentada no centro, num banco de três pernas, ninando um bebê. A cozinheira estava inclinada sobre o fogão, mexendo um enorme caldeirão que parecia cheio de sopa. “Com certeza, tem pimenta demais naquela sopa!” disse Alice a si mesma, enquanto espirrava.

Tinha, certamente, muita pimenta naquele ar. Até a Duquesa espirrava de quando em quando. E, quanto ao bebê, espirrava e berrava alternadamente, sem um instante de pausa.

As duas únicas criaturas naquela cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato que estava deitado junto ao fogo, sorrindo de uma orelha à outra. “Por favor”, disse Alice um pouco tímida, pois não estava certa se era de bom tom ela falar primeiro, “poderia me dizer por que o seu gato sorri daquele jeito?” “É um gato de Cheshire”, falou a Duquesa, “é por isso. — Porqueira!”

Ela pronunciou a última palavra com tal violência que Alice quase deu um pulo;

mas logo percebeu que se dirigia ao bebê, e não a ela; então tomou coragem e prosseguiu: “Eu não sabia que gatos de Cheshire sempre sorriem; para dizer a verdade, eu não sabia que gatos podiam sorrir.” “Todos podem”, disse a Duquesa, “e a maior parte o faz.” “Não conheço nenhum que o faça”, disse Alice muito polidamente, sentindo-se assaz satisfeita de ter começado uma conversa. “Você não sabe muita coisa”, disse a Duquesa,

“esta é a verdade.” Alice não gostou nada do tom dessa observação, e achou que seria melhor introduzir um outro assunto na conversa.

Enquanto tentava encontrar um, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e, de repente, começou a atirar tudo o que estava a seu alcance na Duquesa e no bebê: primeiro foram os utensílios de ferro; depois, uma chuva de frigideiras, travessas e pratos.

A Duquesa não prestou a menor atenção, mesmo quando atingida, e o bebê já estava berrando tanto que era impossível dizer se os golpes o atingiram ou não. “Por favor, preste atenção no que está fazendo!” gritou Alice, pulando aterrorizada. “Oh, lá se vai seu precioso nariz!” exclamou enquanto uma frigideira extraordinariamente grande voava rente ao nariz do bebê e quase o arrancava fora. “Se todos se preocupassem com suas próprias coisas”, disse a Duquesa num áspero grunhido, “o mundo giraria muito mais rápido.” “O

que não seria nenhuma vantagem”, falou Alice, sentindo-se muito feliz por ter uma oportunidade de mostrar um pouco de seus conhecimentos. “Imagine só o que aconteceria com o dia e a noite! A senhora sabe que a terra leva vinte e quatro horas para em torno de seu próprio eixo executar uma rotação...” “Falando em execução”, disse a Duquesa,

“cortem-lhe a cabeça!”

Alice lançou um olhar cheio de ansiedade para a cozinheira, para ver se ela pretendia aceitar a sugestão; mas a cozinheira continuava empenhada em mexer a sopa e parecia nem escutar.

Então, ela continuou: “Vinte e quatro horas, eu acho... ou seriam doze? Eu...”

“Oh, não me aborreça!” disse a Duquesa. “Eu jamais suportei cifras!” E então recomeçou a acalentar seu bebê, cantando uma espécie de canção de ninar e dando-lhe um violento safanão ao fim de cada verso: “Espanca de forma violenta

Teu filho, se espirrar, Ele sabe que isso atormenta, E quer nos irritar.” CORO (em que entram a cozinheira e o bebê) “Irra!

Irra! Irra!”

Enquanto a Duquesa cantava a segunda estrofe da canção, continuava sacudindo-o violentamente de um lado para o outro, e o pobrezinho berrava tanto, que Alice mal pôde ouvir as palavras: “Vou ter de tornar-me violenta Com ele, se espirrar, Pois pode apreciar a pimenta Se assim o desejar.” CORO “Irra! Irra! Irra!” “Tome! Pode niná-lo um pouquinho, se quiser!” disse a Duquesa a Alice, arremessando-lhe o bebê enquanto falava. “Eu tenho de aprontar-me para jogar croquet com a Rainha”, e saiu apressada.

A cozinheira atirou-lhe uma frigideira enquanto ela se afastava, mas não acertou. Alice pegou o bebê com certa dificuldade, pois ele era uma criaturinha de formato estranho, com braços e pernas esticados em todas as direções, “tal qual uma estrela-do-mar”, pensou Alice.

O pobrezinho estava bufando como uma locomotiva quando ela o tomou nos braços, e continuou contorcendo-se e esticando-se por um ou dois minutos, de tal modo que o máximo que ela podia fazer era tentar segurá-lo.

Assim que descobriu um jeito adequado para sossegá-lo (que consistia em atá-

lo, numa espécie de nó, segurando bem presos sua orelha direita e seu pé esquerdo para impedir que ele se soltasse), Alice carregou-o para fora dali. “Se eu não levar comigo esta criança”, pensou, “com certeza vão matá-la logo logo. Não seria um crime deixá-la para trás?” Falou essas últimas palavras em voz alta, e a criaturinha grunhiu em resposta (a esta altura tinha parado de espirrar). “Não grunha”, falou Alice, “não é uma maneira educada de se expressar.”

O bebê grunhiu outra vez, e Alice olhou para ele muito preocupada, querendo saber qual o problema. Não havia dúvida de que ele tinha um nariz muito para cima, parecendo mais um focinho do que um verdadeiro nariz; também seus olhos eram pequenos demais para um bebê: em suma, Alice não gostou nem um pouco da aparência dele. “Mas talvez seja de tanto soluçar”, pensou ela.

E olhou de novo para os olhos dele, para ver se havia lágrimas. Não, não havia nenhuma lágrima. “Se você se transformar num porco, meu querido”, disse Alice seriamente, “não terei mais nada com você. Pense bem!” O pobrezinho soluçou

de novo (ou grunhiu, era impossível distinguir), e eles continuaram por algum tempo em silêncio.

Alice estava começando a pensar “e agora, o que é que eu vou fazer com esta criatura quando chegar em casa?” quando ele grunhiu de novo, desta feita com tanta força que ela olhou assustada para o seu rosto. Desta vez não poderia haver nenhum engano: era nem mais nem menos do que um porco, e Alice percebeu que seria absurdo demais continuar carregando-o.

Então ela soltou a criaturinha no chão e sentiu-se bastante aliviada ao vê-lo correr tranqüilamente para o bosque. “Se ele crescesse mais”, disse consigo, “se tornaria uma criança horrivelmente feia: mas até que é um bonito porco, eu acho.” E pôs-se a pensar em outras crianças que ela conhecia que poderiam muito bem ser porquinhos, e estava justamente dizendo a si mesma “se alguém soubesse um jeito certo de transformá-

las...” quando tomou um susto ao ver o Gato de Cheshire sentado num galho de árvore, poucos metros adiante.

O Gato apenas sorriu ao ver Alice. Parecia afável, pensou ela: mas como tinha garras muito longas e tantos dentes, sentiu que deveria tratá-lo com respeito. “Gatinho de Cheshire”, começou, muito timidamente, por não saber se ele gostaria desse tratamento: ele, porém, apenas alargou um pouco mais o sorriso. “Ótimo, até aqui está contente”, pensou Alice. E prosseguiu: “Você poderia me dizer, por favor, qual o caminho para sair daqui?” “Depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato. “Não me importa muito onde...” foi dizendo Alice. “Nesse caso não faz diferença por qual caminho você vá”, disse o Gato. “...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice, explicando. “Oh, esteja certa de que isso ocorrerá”, falou o Gato, “desde que você caminhe o bastante.” Alice percebeu que era impossível negar isso; então arriscou outra pergunta: “Que tipo de gente vive por aqui?” “Naquela direção”, disse o Gato, ondulando sua pata “mora um Chapeleiro; naquela outra”, agitando a outra pata, “mora uma Lebre de Março. Visite ou um ou outro: ambos são loucos.” “Mas eu não quero me encontrar com gente louca”, observou Alice. “Oh, não se pode evitar”, disse o Gato, “todos são loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca.” “Como sabe que eu sou louca?” indagou Alice. “Você deve ser”, respondeu o Gato, “ou então não teria vindo aqui.” Alice não achou que isso comprovava nada; todavia continuou: “E como você sabe que é louco?” “Para começar”, disse o Gato,

“um cachorro não é louco. Concorda?” “Acho que sim”, respondeu Alice. “Bem”, prosseguiu o Gato, “você vê um cão rosnar quando está bravo, e abanar o rabo quando está feliz.

Agora, eu rosno quando estou feliz e balanço o rabo quando estou bravo. Logo, sou louco.”

“Eu chamo isso ronronar, não rosnar”, disse Alice. “Chame como quiser”, disse o Gato.

“Você vai jogar croquet com a Rainha hoje?” “Gostaria muito”, falou Alice, “mas até agora não fui convidada.” “Você me encontrará lá”, disse o Gato, e desapareceu no ar.

Alice não se surpreendeu tanto, pois já ia se habituando a esses acontecimentos estranhos. Enquanto ainda olhava o lugar onde o Gato tinha sumido, de súbito ele reapareceu. “A propósito, o que aconteceu com o bebê?” falou o Gato. “Quase ia me esquecendo de perguntar.” “Virou um porquinho”, respondeu Alice muito tranqüilamente, como se o Gato tivesse voltado de maneira normal. “Era o que eu achava”, disse o Gato, e desapareceu de novo.

Alice esperou um pouco, meio esperançosa de vê-lo outra vez, mas ele não apareceu. Depois de um ou dois minutos, pôs-se a caminhar na direção em que morava a Lebre de Março. “Já vi chapeleiros antes”, disse consigo, “uma Lebre de Março deve ser bem mais interessante, e além disso, como estamos em maio, talvez ela não esteja tão delirante... ao menos não tão louca quanto em março.”

Ao dizer isto, olhou para cima, e lá estava outra vez o Gato, sentado num galho de árvore. “Você disse ‘porquinho’ ou ‘coquinho’?” perguntou o Gato. “Eu disse

‘porquinho’”, respondeu Alice. “Eu gostaria muito que você não ficasse aparecendo e desaparecendo tão repentinamente. Você deixa qualquer um tonto!” “Tudo bem”, disse o Gato. E, desta vez, ele foi desaparecendo bem devagar, começando na ponta do rabo e terminando no sorriso, que ainda permaneceu por algum tempo no ar depois que o resto já tinha sumido. “Epa! Eu já vi muitos gatos sem sorriso”, pensou Alice, “mas nunca um sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi em toda a minha vida!” Alice não precisou andar muito até chegar diante da casa da Lebre de Março.

Ao menos, achou que devia ser aquela casa, porque as chaminés tinham formato

de orelhas e o telhado era coberto de pele. Era uma casa tão grande que ela não quis aproximar-se sem antes mordiscar mais um pedacinho do cogumelo da mão esquerda, até alcançar setenta centímetros de altura. Mesmo assim, caminhou em direção à casa com muita timidez, dizendo a si mesma: “Imagine se ela estiver delirando! Eu quase chego a desejar que tivesse ido visitar o Chapeleiro!”

## CAPÍTULO 7

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## UM CHÁ DE LOUCOS

Havia uma mesa posta na frente da casa, sob uma árvore: a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá. Um Dormidongo estava sentado entre eles, profundamente adormecido, enquanto os outros dois usavam-no como almofada, apoiando nele o cotovelo e falando por cima de sua cabeça. “Muito desconfortável para o Dormidongo”, pensou Alice; “pelo menos, como ele está dormindo, acho que não se importa.” A mesa era bem grande, mas os três estavam amontoados no mesmo canto.

“Não tem lugar! Não tem lugar!” gritaram ao ver Alice aproximar-se. “Tem lugar até demais!” disse Alice indignada, sentando-se numa grande poltrona numa das cabeceiras da mesa. “Tome um pouco de vinho”, disse a Lebre de Março num tom muito amigável. Alice olhou em toda a mesa; não havia nada senão chá. “Não estou vendo vinho algum”, observou ela. “Não tem mesmo”, disse a Lebre de Março. “Então não foi nada educado da sua parte oferecê-lo”, disse Alice, brava. “Também não foi educado da sua parte sentar sem ser convidada”, falou a Lebre de Março. “Eu não sabia que a mesa era sua”, disse Alice, “está arrumada para muito mais que três pessoas.” “Você precisa cortar o cabelo”, disse o Chapeleiro. Ele estivera observando Alice com grande curiosidade, e essa foi a primeira vez que falou. “E você precisa aprender a não fazer comentários pessoais”, falou Alice com gravidade: “É muito grosseiro.”

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que disse foi: “Por que um corvo se parece com uma escrivaninha?” “Muito bem, vamos nos divertir agora!” pensou Alice. “Estou feliz que eles tenham começado a propor adivinhações! — Acho que posso decifrar esta!” acrescentou em voz alta. “Quer dizer que você pensa que pode encontrar uma resposta para isso?” indagou a Lebre de Março. “Exatamente”, respondeu Alice. “Então você deve dizer o que

pensa”, continuou a Lebre de Março. “Eu digo o que penso”, Alice apressou-se em dizer, “ou, pelo menos... pelo menos eu penso o que digo... é a mesma coisa, não é?” “Não é a mesma coisa de jeito nenhum!” interveio o Chapeleiro.

“Ora, assim você afirmaria que ‘vejo o que como’ é a mesma coisa que ‘como o que vejo’!”

“Assim você afirmaria”, acrescentou a Lebre de Março, “que ‘gosto daquilo que tenho’ é a mesma coisa que ‘tenho aquilo de que gosto’!” “Assim você afirmaria”, ajuntou o Dormidongo, que parecia falar enquanto dormia, “que ‘respiro quando durmo’ é a mesma coisa que ‘durmo quando respiro’!” “No seu caso é a mesma coisa!” disse o Chapeleiro.

Nesse ponto a conversa parou, e o grupo ficou calado durante um minuto, enquanto Alice pôs-se a recordar tudo o que podia sobre corvos e escrivaninhas, o que não era lá muita coisa. O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio: “Que dia do mês é hoje?”, disse, dirigindo-se a Alice. Ele tinha tirado seu relógio do bolso e estava olhando-o com preocupação, sacudindo-o de quando em quando e segurando-o junto ao ouvido. Alice refletiu um pouco e depois respondeu: “É dia quatro.” “Dois dias atrasado!” suspirou o Chapeleiro. “Eu disse a você que a manteiga não ia adiantar!” acrescentou ele, olhando furioso para a Lebre de Março. “Mas era a melhor manteiga!” respondeu a Lebre de Março com brandura. “Sim, mas devem ter caído migalhas de pão”, resmungou o Chapeleiro,

“você não devia ter usado a faca de pão na manteiga.” A Lebre de Março pegou o relógio e olhou-o melancolicamente; então o mergulhou na sua xícara de chá e olhou-o de novo: mas não pôde encontrar nada mais interessante para dizer do que sua primeira observação “era a melhor manteiga, juro.” Alice estivera olhando tudo por cima do ombro com certa curiosidade. “Que relógio engraçado!” observou. “Ele mostra o dia do mês, mas não mostra as horas!” “Por que deveria?” murmurou o Chapeleiro. “Por acaso o seu relógio mostra o ano?” “Claro que não”, respondeu Alice prontamente: “mas é porque se permanece no mesmo ano durante muito tempo.” “É exatamente o caso do meu”, disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente embaraçada. O comentário do Chapeleiro parecia não fazer o menor sentido, embora era certo que falassem a mesma língua. “Não o compreendo bem”, disse ela da maneira mais polida possível. “O Dormidongo

adormeceu de novo”, disse o Chapeleiro, despejando um pouco de chá quente no nariz dele. O Dormidongo abanou a cabeça com impaciência e disse, sem abrir os olhos: “claro, claro, é justamente o que eu ia dizer.” “Você já decifrou a adivinhação?” perguntou o Chapeleiro, voltando-se outra vez para Alice. “Não, desisto”, respondeu Alice. “Qual é a resposta?” “Não faço a mínima idéia”, disse o Chapeleiro. “Nem eu”, disse a Lebre de Março. Alice suspirou enfadada.

“Acho que você deveria aproveitar melhor o tempo”, disse ela, “em vez de gastá-lo com adivinhações sem resposta.” “Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu conheço”, disse o Chapeleiro, “você não falaria em gastá-lo, como uma coisa. Ele é alguém.” “Não sei o que você quer dizer”, disse Alice. “É claro que você não sabe!” disse o Chapeleiro, inclinando a cabeça com desdém. “Eu diria até mesmo que você nunca falou com o Tempo!” “Talvez não”, respondeu Alice com cautela, “mas sei que devo marcar o tempo quando aprendo música.” “Ah! Isso explica tudo!” disse o Chapeleiro. “Ele não suporta ser marcado. Agora, se você mantivesse com ele boas relações, ele faria qualquer coisa que você quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que fossem nove horas da manhã, justamente a hora de começarem as lições: você teria apenas de sussurrar uma dica ao Tempo, e o ponteiro giraria num piscar de olhos: uma e meia, hora do almoço!” (“Como eu gostaria que fosse assim mesmo”, sussurrou a Lebre de Março para si mesma.) “Seria fantástico, com certeza”, disse Alice, pensativa; “mas, então, eu ainda não estaria com fome, não é?” “Não a princípio, talvez”, disse o Chapeleiro, “mas você poderia permanecer à uma e meia por quanto tempo quisesse.” “É assim que você faz?” indagou Alice. O

Chapeleiro balançou a cabeça com desgosto: “Eu não!”, disse. “Nós brigamos em março passado... logo antes de ela ficar louca, sabe...” (apontou com sua colher para a Lebre de Março), “foi no grande concerto oferecido pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar:

‘Pisca, pisca, morceguinho, Aonde vais nem adivinho.’ Você conhece a canção, não é?” “Já ouvi algo parecido”, disse Alice.

“E continua, sabe”, emendou o Chapeleiro, “assim: ‘Lá no céu, como travessa Para chá, voas depressa. Pisca, pisca—’” Nesse ponto o Dormidongo estremeceu e começou a cantarolar, enquanto dormia: “pisca, pisca, pisca, pisca...” E continuou por tanto tempo que tiveram de dar-lhe um beliscão para que parasse. “Bem, eu nem acabara o primeiro verso”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha bradou: ‘Ele está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!’” “Mas que

selvageria!” exclamou Alice. “E desde então”, continuou o Chapeleiro num tom pesaroso, “ele não faz nada do que eu peço! São sempre seis horas!”

“É, é isso mesmo”, disse a Lebre de Março com um suspiro, “é sempre hora do chá, e nós não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.” “É por isso que vocês ficam girando em torno da mesa?” disse Alice. “Exatamente”, disse o Chapeleiro, “conforme as louças vão ficando sujas.” “Mas o que acontece quando vocês retornam para o começo?” Alice ousou perguntar. “Que tal se mudássemos de assunto?” interveio a Lebre de Março, bocejando.

“Estou cansada deste. Meu voto é que a senhorita nos conte uma história.” “Acho que não sei nenhuma”, disse Alice, muito assustada com a proposta. “Então o Dormidongo conta!” gritaram todos. “Acorde, Dormidongo!” E beliscaram-no de uma só vez dos dois lados. O

Dormidongo abriu os olhos devagar. “Eu não estava dormindo”, disse com voz fraca e rouca,

“escutei tudo o que vocês disseram, companheiros.” “Conte-nos uma história!”disse a Lebre de Março. “Por favor!” pediu Alice. “E seja rápido”, acrescentou o Chapeleiro, “ou você dormirá outra vez antes de terminar.” “Era uma vez três irmãzinhas”, começou o Dormidongo cheio de pressa, “que se chamavam Elsie, Lacie e Tillie. Viviam no fundo de um poço...” “E de que viviam?” perguntou Alice, que sempre tinha grande interesse em assuntos de comida e bebida. “Viviam de melado”, respondeu o Dormidongo após alguns instantes de reflexão. “Isso não é possível”, observou gentilmente Alice. “Elas teriam ficado doentes.” “E ficaram”, disse o Dormidongo, “muito doentes.” Alice tentou imaginar um pouco como seria esse modo de vida tão incomum, mas ficou muito confusa. Então prosseguiu: “Mas por que elas viviam no fundo de um poço?” “Tome um pouco mais de chá”, disse a Lebre de Março para Alice, com a maior seriedade. “Mas eu ainda não tomei nenhum”, replicou Alice, ofendida, “como posso tomar mais?” “Você quer dizer que não pode tomar menos”, disse o Chapeleiro. “É bem mais fácil tomar mais do que nada.”

“Ninguém pediu a sua opinião”, disse Alice. “Quem é que está fazendo comentários pessoais agora?” interpelou o Chapeleiro com ar de triunfo. Alice não sabia muito bem o que dizer quanto a isso; então serviu-se de um pouco de chá e de pão com manteiga, virou-se para o Dormidongo e repetiu a pergunta: “Por que elas viviam no fundo de um poço?” Após mais um ou dois minutos de

reflexão, o Dormidongo enfim falou: “Era um poço de melado.” “Não existe um poço assim!” exclamou Alice, começando a ficar irritada, mas o Chapeleiro e a Lebre fizeram: “Psiu! Psiu!”, enquanto o Dormidongo, melindrado, observou:

“Se não consegue ser educada, é melhor você mesma terminar a história.” “Não, por favor, continue!” disse Alice, resignada. “Não vou interromper de novo. Posso admitir que exista um.” “Um, é?” disse o Dormidongo, indignado. No entanto, concordou em continuar. “E

então essas três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a tirar, sabe?” “Tirar o quê?” disse Alice, esquecendo-se da promessa. “Melado”, disse o Dormidongo, desta vez sem refletir.

“Gostaria de uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro. “Vamos todos mudar de lugar.” E avançou um lugar enquanto falava. O Dormidongo fez o mesmo. A Lebre de Março foi para o lugar do Dormidongo. Alice, contra vontade, foi para o lugar da Lebre de Março. O único que tirou alguma vantagem da mudança foi o Chapeleiro; Alice ficou bem pior do que antes, pois a Lebre tinha acabado de derramar um jarro de leite no prato. Como não queria ofender outra vez o Dormidongo, Alice recomeçou com muita cautela: “Não estou entendendo. De onde elas tiravam o melado?” “Pode-se tirar água de um poço de água, não é?” disse o Chapeleiro. “Então, suponho, pode-se tirar melado de um poço de melado, não é, imbecil?” “Mas elas estavam dentro do poço”, disse Alice ao Dormidongo, achando melhor não tomar conhecimento desse último comentário. “É claro que estavam”, disse o Dormidongo. “Estavam bem dentro do poço.” Esta resposta confundiu a tal ponto a pobre Alice, que ela deixou o Dormidongo continuar por algum tempo, sem interrompê-lo. “Elas estavam aprendendo a tirar...” prosseguiu o Dormidongo, bocejando e esfregando os olhos, pois começava a ficar com muito sono; “e tiravam todo tipo de coisas... tudo o que começava com a letra L...” “Por que com L?” perguntou Alice. “E por que não?” disse a Lebre de Março. Alice ficou em silêncio. O Dormidongo a esta altura fechara os olhos e estava cochilando. Porém, ao ser beliscado pelo Chapeleiro, despertou, soltando um gritinho, e continuou: “...tudo o que começava com L, como por exemplo luneta, livro, lápis, letras... sabe? Como quando se diz ‘tirar de letra’... Vocês já viram algo como tirar da letra a letra?” “Para dizer a verdade, agora que você perguntou”, disse Alice, cada vez mais confusa, “eu não sei se...” “Então não deveria dizer nada”, disse o Chapeleiro. Esta indelicadeza ia além do que Alice podia suportar: indignada, levantou-se e caminhou, afastando-se dali. O Dormidongo dormiu imediatamente, e nenhum dos outros prestou a menor

atenção à sua saída, embora ela tivesse olhado uma ou duas vezes para trás, com a esperança de que a chamassem de volta. A última vez que os viu, estavam tentando enfiar o Dormidongo na chaleira. “Aconteça o que acontecer, jamais voltarei àquele lugar!” falou Alice, tomando a direção do bosque. “Foi o chá mais absurdo de que já participei em toda a minha vida!” Ao dizer isto, percebeu que no tronco de uma das árvores havia uma porta.

“Muito estranho!” pensou. “Mas tudo está estranho hoje. Acho que posso muito bem ir entrando.” E entrou.

Mais uma vez se achou na grande sala, perto da mesinha de vidro. “Desta vez, farei tudo certo”, disse consigo. E começou pegando a chavezinha dourada e destrancando a porta que conduzia ao jardim. Depois, foi mordiscando o cogumelo (ela guardara um pedaço no bolso) até ficar com trinta centímetros de altura.

Daí atravessou a pequena passagem: então... Achou-se finalmente no lindo jardim, entre canteiros resplandecentes e fontes fresquinhas.

## CAPÍTULO 8

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## O CAMPO DE CROQUET DA RAINHA

Na entrada do jardim havia uma grande roseira: as rosas que ali nasciam eram brancas, mas três jardineiros ocupavam-se em pintá-las de vermelho. Alice achou aquilo curioso e aproximou-se para observar. Assim que chegou mais perto, ouviu um deles dizer:

“Preste atenção, Cinco! Não jogue tinta em mim desse jeito!” “Não tenho culpa”, disse o Cinco, amuado, “foi o Sete que empurrou meu cotovelo.” Ouvindo isso, o Sete ergueu a vista e disse: “Muito bem, Cinco! Sempre pondo a culpa nos outros!” “É melhor você ficar quieto!” disse o Cinco. “Ontem mesmo eu ouvi a Rainha dizer que você merecia ser decapitado!” “Por quê?” perguntou o que falara primeiro. “Não é da sua conta, Dois!” disse o Sete. “É da conta dele, sim!” disse o Cinco, “e vou dizer a ele... foi porque levou raízes de tulipa para a cozinheira, em vez de cebolas.” Sete jogou o pincel e estava começando a dizer: “Ora essa, de todas as injustiças que...” quando seu olhar topou com o de Alice, que ainda os observava. Cessou imediatamente; os outros também se voltaram, e

os três fizeram uma reverência. “Poderiam me dizer”, falou Alice um pouco tímida, “por que estão pintando essas rosas?” Cinco e Sete ficaram calados, mas olharam para Dois. Dois falou em voz baixa: “Veja bem, senhorita, o fato é que, neste lugar, deveria haver uma roseira vermelha, mas por engano nós pusemos uma branca; e se a Rainha a descobrir, todos teremos nossas cabeças cortadas, compreende? Então, veja bem, senhorita, estamos fazendo o melhor possível, antes que ela chegue, para...” Neste ponto o Cinco, que ficara espreitando com muita ansiedade pelo jardim, gritou: “A Rainha! A Rainha!” e os três jardineiros instantaneamente atiraram-se ao chão. Ouviam-se muitos passos, e Alice olhou em volta, curiosa por ver a Rainha. Primeiro surgiram dez soldados armados com maças.

Eram todos iguais aos jardineiros, retangulares e achatados, com as pernas e os braços nos quatro ângulos. Em seguida vieram dez cortesãos, paramentados com diamantes em forma de losangos. Caminhavam de dois em dois, assim como os soldados. Depois vieram os infantes reais, também em número de dez, saltitando alegremente de mãos dadas, em pares, todos enfeitados com corações. Atrás vieram os convidados, na maior parte Reis e Rainhas; entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco, que conversava de maneira apressada e nervosa, sorrindo para tudo o que diziam: passou por ela sem notar sua presença. A seguir veio o Valete de Copas, trazendo a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho. Por fim, encerrando este grandioso cortejo, vieram O REI E A RAINHA DE

COPAS.41 Alice ficou em dúvida se devia ou não atirar-se ao chão como os jardineiros, mas não se recordava de ter ouvido falar em tal procedimento durante cortejos. “Além disso”, pensou, “se as pessoas se atiram com o rosto para o chão, como podem ver o cortejo?” E

permaneceu parada onde estava, esperando. Quando o cortejo passou diante dela, todos pararam e olharam-na. A Rainha disse severamente: “Quem é essa?” Dirigia-se ao Valete de Copas, que em resposta apenas se inclinou e sorriu. “Idiota!” disse a Rainha, empinando a cabeça com impaciência. E, voltando-se para Alice, continuou: “Qual o seu nome, menina?”

“Meu nome é Alice, às ordens de Vossa Majestade”, disse muito educadamente. E pensou com seus botões: “Afinal, são apenas um baralho. Não preciso ter medo deles!” “E quem são aqueles?” perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros que ainda estavam no chão, perto da roseira. Pois vocês podem

imaginar que, como eles estavam com o rosto virado para chão e o desenho de suas costas era igualzinho ao do restante do baralho, ela não podia saber se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou seus próprios filhos. “Como é que eu vou saber?” disse Alice, surpresa com sua própria coragem. “Não é da minha conta.” A Rainha ficou vermelha de raiva e, após encará-la por alguns instantes como uma fera selvagem, gritou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe...” “Bobagem!” disse Alice com voz alta e decidida, enquanto a Rainha ficou calada. O Rei tocou o braço da esposa e disse timidamente: “Pense bem, minha querida, é apenas uma criança!” A Rainha, furiosa, afastou-se dele e disse ao Valete: “Desvire-os!” O Valete desvirou-os cuidadosamente com o pé. “Levantem-se!” bradou a Rainha com voz estridente. Os três jardineiros imediatamente se levantaram e começaram a fazer reverências ao Rei, à Rainha, aos infantes e a todo o mundo.

“Parem com isso!” gritou a Rainha. “Estão me deixando tonta!” E, voltando-se para a roseira, prosseguiu: “O que vocês estavam fazendo aqui?” “Às ordens de Vossa Majestade”, disse o Dois em tom muito humilde, ajoelhando-se enquanto falava, “nós estávamos tentando...” “Estou vendo!” disse a Rainha, que enquanto isso examinara as rosas. “Cortem-lhes a cabeça!” E o cortejo continuou, tendo três dos soldados permanecido atrás para executar os infelizes jardineiros, que, por sua vez, correram para Alice em busca de proteção. “Não irão decapitá-los!” disse Alice. E colocou-os num grande vaso de flores que havia ali perto. Os três soldados vagaram durante alguns minutos procurando os jardineiros, mas depois seguiram sossegadamente atrás do cortejo. “Cortaram-lhes as cabeças?” berrou a Rainha. “Suas cabeças se foram, às ordens de Vossa Majestade!” berraram os soldados em resposta. “Muito bem!” berrou a Rainha. “Sabe jogar croquet?” Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, pois a pergunta era evidentemente dirigida a ela. “Sei!” gritou Alice. “Então, venha!” rugiu a Rainha. Alice juntou-se ao cortejo, querendo muito saber o que aconteceria em seguida. “Que dia... que dia bonito, não?” murmurou uma vozinha tímida ao lado dela. Alice estava caminhando ao lado do Coelho Branco, que a observava com ar muito inquieto. “É mesmo!” exclamou Alice. “Onde está a Duquesa?” “Psiu! Psiu!” fez o Coelho apressado, olhando ansiosamente para trás enquanto falava. Então, ergueu-se na ponta dos pés, aproximou-se do ouvido de Alice e sussurrou: “Ela foi condenada à morte.” “Por quê?” indagou Alice. “Você disse ‘Que pena!’?” perguntou o Coelho. “Eu não”, disse Alice, “não acho que seja uma pena. Eu disse

‘Por quê?’” “Ela deu uma bofetada na orelha da Rainha...” começou a dizer o Coelho. Alice deu uma sonora risada. “Quieta!” sussurrou o Coelho, apavorado.

“A Rainha pode ouvir!

Mas a Duquesa chegou muito atrasada, sabe, e a Rainha disse...” “Aos seus lugares!” trovejou a Rainha. E todo mundo começou a correr em todas as direções, tropeçando uns nos outros. Em poucos minutos, porém, estavam todos acomodados, e o jogo começou.

Alice pensou que nunca vira um campo de croquet tão curioso em toda a sua vida: era cheio de saliências e sulcos, as bolas eram ouriços vivos, os tacos eram flamingos, e os soldados tinham que se dobrar e apoiar os pés e as mãos no chão para formar os arcos. A principal dificuldade que Alice encontrou no início foi manejar o seu flamingo: ela conseguia, bastante confortavelmente, segurar o corpo dele sob seu braço, deixando as pernas penduradas; porém, toda vez que esticava o pescoço dele, para golpear o ouriço, ele se virava e olhava-a com uma expressão tão atônita que ela não conseguia conter uma risada; e quando abaixava a cabeça dele para começar de novo, era irritante descobrir que o ouriço tinha se desenrolado e estava se movendo mais para adiante; além disso, sempre havia uma saliência ou um sulco, por onde quer que ela pretendesse lançar o ouriço; e como os soldados dispostos em arcos sempre se levantavam e mudavam de lugar pelo campo, Alice logo chegou à conclusão de que, de fato, era um jogo bem difícil. Todos os participantes jogavam ao mesmo tempo, sem esperar a própria vez, discutindo sem parar e disputando os ouriços. Em pouco tempo a Rainha já estava furiosamente possessa, batendo com os pés no chão e gritando “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” uma vez por minuto. Alice começou a ficar preocupada: na verdade, ela ainda não tinha se confrontado com a Rainha, mas sabia que isso poderia ocorrer a qualquer momento. “E

então”, pensou, “o que será de mim? Eles são loucos para decapitar as pessoas! É de espantar que ainda reste alguém vivo!” Olhava ao redor, procurando uma saída e perguntando-se se conseguiria escapar sem ser vista, quando percebeu algo de estranho aparecendo no ar: a princípio ficou muito espantada, mas, após observar alguns instantes, percebeu que era um sorriso e disse a si mesma: “É o Gato de Cheshire. Agora terei com quem conversar.” “Como vai indo?” disse o Gato, assim que houve boca suficiente para falar. Alice esperou aparecerem os olhos e então acenou com a cabeça. “É inútil falar com ele”, pensou, “antes que apareçam as orelhas, ou pelo menos uma delas.” Instantes depois, surgiu a cabeça inteira. Alice pôs seu flamingo no chão e começou a fazer um relato do jogo, sentindo-se muito feliz de ter alguém para escutá-la. O Gato devia estar

pensando que já era suficiente aquela porção sua que estava à vista, pois o resto do corpo não apareceu. “Acho que eles não jogam de maneira correta”, começou Alice em tom de queixa, “além disso brigam tanto que é impossível ouvir o que alguém fala... e acho que não têm regras muito definidas... ou, então, ninguém obedece a elas... e você não faz idéia de como é confuso as coisas serem vivas! Por exemplo, o arco sob o qual eu deveria passar minha bola foi andando para o outro lado do campo... e agora mesmo, bem quando eu ia acertar o ouriço da Rainha, ele saiu correndo ao ver o meu se aproximando...” “Você está gostando da Rainha?” disse o Gato em voz baixa. “Nem um pouco”, falou Alice, “ela é tão...” Justo neste momento, notou que a Rainha estava atrás dela, ouvindo tudo. Daí continuou: “...competente no jogo, que nem sei se vale a pena ir até o final da partida.” A Rainha sorriu e passou ao largo. “Com quem está falando?” disse o Rei, aproximando-se de Alice e observando a cabeça do Gato com grande curiosidade. “É um amigo meu... um Gato de Cheshire”, disse Alice, “permita-me que o apresente.” “A aparência dele não me agrada muito”, disse o Rei, “em todo caso, ofereço-lhe minha mão para ser beijada.” “Preferiria não fazê-lo”, replicou o Gato. “Não seja insolente”, disse o Rei, “e não me olhe dessa maneira!” Enquanto falava, escondeu-se atrás de Alice. “Um gato pode olhar de frente um rei”, disse Alice. “Li isso em algum livro, não me lembro em qual.” “Bem, ele deve ser removido daí”, disse o Rei muito decididamente. E chamou a Rainha, que estava passando naquele momento: “Minha querida! Eu gostaria muito que você mandasse remover daí este gato!”

A Rainha só conhecia um jeito de solucionar todas as dificuldades, fossem elas grandes ou pequenas. “Cortem-lhe a cabeça!” clamou, sem sequer olhar ao redor. “Eu mesmo vou buscar o carrasco”, disse o Rei com entusiasmo, e saiu às pressas. Alice pensou que o melhor seria voltar e ver como andava a partida, uma vez que podia ouvir de longe a voz da Rainha gritando furiosamente.

Já tinha ouvido a condenação à morte de três jogadores por haver perdido a vez e não estava gostando nada da situação, pois o jogo era de tal forma confuso que ela nunca sabia se chegara sua vez ou não. Então, saiu à procura de seu ouriço. O ouriço estava atracado lutando com outro ouriço, o que pareceu a Alice uma oportunidade excelente para fazer um impelir o outro e assim marcar o ponto.

A única dificuldade era que seu flamingo tinha escapado para o outro lado do jardim, onde Alice pôde vê-lo tentando, sem resultados, alçar vôo até uma árvore. Quando recapturou o flamingo, a luta tinha terminado, e ambos os ouriços, desaparecido. “Não tem muita importância”, pensou Alice, “afinal todos

os arcos se foram para o outro lado do campo.” Então, segurou firme o flamingo debaixo do braço, de modo que ele não pudesse escapar de novo, e voltou para conversar um pouquinho mais com seu amigo. Ao se aproximar do Gato de Cheshire, ficou surpreendida ao ver uma multidão reunida em volta dele: era uma grande polêmica. O carrasco, o Rei e a Rainha falavam ao mesmo tempo, enquanto todos os demais permaneciam em profundo silêncio e pareciam muito malcontentes.

Quando Alice apareceu, foi interpelada pelos três para resolver a questão.

Repetiram para ela seus argumentos; porém, como todos falavam de uma só vez, era muito difícil compreender exatamente o que diziam.

O argumento do carrasco era que não poderia decepar uma cabeça se não houvesse um corpo de onde cortá-la.

Jamais fizera uma tal coisa antes e não iria começar a esta altura de sua vida.

O argumento do Rei era que qualquer coisa que possuísse uma cabeça poderia ser decapitada, e tudo o mais era bobagem.

O argumento da Rainha era que, se algo não fosse feito imediatamente, ela mandaria executar todos que ali estavam. (Foi esta última observação que fez todos da comitiva parecerem tão sérios e perturbados.) Alice não achou nada melhor para dizer do que: “Ele pertence à Duquesa: seria melhor perguntar a ela o que fazer.” “Ela está na prisão”, disse a Rainha ao carrasco, “vá buscá-la.” E o carrasco disparou como uma flecha.

Assim que ele partiu, a cabeça do Gato começou a desaparecer; quando ele voltou trazendo a Duquesa, já tinha sumido completamente.

O Rei e o carrasco começaram a correr para cima e para baixo procurando-a por toda parte, enquanto o restante do grupo voltou a jogar.

## CAPÍTULO 9

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

## A HISTÓRIA DA FALSA TARTARUGA

“Você não imagina como estou feliz em revê-la, querida amiga!” disse a Duquesa, enquanto afetuosamente tomava Alice pelo braço e saíam caminhando juntas.

Alice ficou muito contente por vê-la bem-humorada e pensou com seus botões que talvez tenha sido só a pimenta o que a deixara tão feroz quando se encontraram na cozinha.

“Quando eu for Duquesa”, disse a si mesma (todavia num tom não muito esperançoso), “em minha cozinha não haverá pimenta nenhuma. A sopa pode muito bem passar sem isso...

Talvez seja sempre a pimenta o que deixa as pessoas tão exaltadas”, continuou a pensar, satisfeita por ter encontrado uma nova espécie de regra, “e o vinagre, o que as deixa azedas... e a camomila, o que as deixa amargas... e o açúcar, o que deixa as crianças doces e amáveis. Queria que as pessoas grandes soubessem disso: assim, não seriam tão mesquinhas com doces e que tais...”

A esta altura tinha-se esquecido totalmente da Duquesa, e teve um leve sobressalto quando ouviu a voz dela em seu ouvido: “Você está pensando em algo, minha querida, e isso faz você se esquecer de falar. Não posso lhe dizer agora qual a moral disso, mas daqui a pouco me lembrarei.” “Talvez não tenha nenhuma”, Alice arriscou-se a observar. “Ora, ora, minha criança!” disse a Duquesa. “Tudo tem uma moral, basta saber encontrá-la.” E chegou ainda mais perto de Alice enquanto falava. Alice não estava gostando nada daquela proximidade: primeiro porque a Duquesa era muito feia, e segundo porque ela tinha a altura exata para apoiar o queixo em seu ombro, e tinha um queixo desagradavelmente pontudo. Entretanto, Alice não queria ser indelicada e por isso teve de agüentar do jeito que pôde. “Parece que a partida está bem melhor agora”, observou Alice, para alongar um pouco a conversa. “É mesmo”, disse a Duquesa, “e a moral disso é... ‘O

amor, o amor que faz girar o mundo!’” “Ouvi alguém dizer”, murmurou Alice, “que isso ocorre quando cada um cuida de seus próprios interesses!” “Exatamente! Quer dizer a mesma coisa”, falou a Duquesa, fincando seu queixo pontudo no ombro de Alice e acrescentando, “e a moral disso é... ‘Cuide dos sentidos, que os sons cuidarão de si mesmos.’” “Como ela gosta de achar uma moral em tudo!” pensou Alice com seus botões.

“Aposto que você está pensando por que eu não ponho o braço em torno de sua cintura”, disse a Duquesa após uma pausa: “e a razão é que estou em dúvida quanto ao temperamento de seu flamingo. Posso tentar?” “Ele pode bicar”, respondeu Alice com prudência, nem um pouco animada a tentar a experiência. “É verdade”, disse a Duquesa,

“os flamingos e a mostarda podem picar. E a moral disso é... ‘Pássaros da mesma plumagem voam em bando.’” “Acontece que a mostarda não é um pássaro”, objetou Alice.

“Certo, como sempre”, disse a Duquesa. “Mas que clareza você tem para expor as coisas!”

“É um mineral, eu acho...” concluiu Alice.

“Claro que é”, disse a Duquesa, que parecia disposta a concordar com tudo o que Alice dizia; “há uma grande mina de mostarda aqui por perto. E a moral disso é...

‘Quanto mais mina para mim, tanto menos mana para você.’” “Oh, já sei!” exclamou Alice, sem ter prestado atenção a este último comentário, “é um vegetal! Não parece, mas é.”

“Concordo inteiramente com você”, disse a Duquesa; “e a moral disso é... ‘Seja aquilo que você pareceria ser’, ou então, dizendo de um modo mais simples, ‘Nunca imagine que não ser diferente daquilo que pode parecer aos outros que você fosse ou pudesse ter sido não seja diferente daquilo que tendo sido poderia ter parecido a eles ser diferente.’” “Acho que eu compreenderia melhor”, disse Alice muito educadamente, “se pudesse ver tudo isso escrito; não consigo acompanhar muito bem o que a senhora diz.” “Isso não é nada diante do que eu poderia dizer, se quisesse”, respondeu a Duquesa, em tom satisfeito. “Por favor, não se esforce em dizê-lo de modo mais comprido do que já disse”, falou Alice. “Oh, não fale em esforço!” disse a Duquesa. “Eu lhe darei de presente tudo o que já disse até agora.” “Eis aí um presente bem barato!” pensou Alice com seus botões. “Ainda bem que não se dão presentes assim de aniversário!” Mas não se aventurou a dizê-lo em voz alta.

“Pensando outra vez?” perguntou a Duquesa, dando mais uma espetada em Alice com seu queixo pontudo. “Tenho o direito de pensar”, redargüiu Alice com rispidez, pois estava começando a ficar irritada. “Tem tanto direito”, disse a

Duquesa, “quanto os porcos têm de voar. E a mo...” Mas neste ponto, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa sumiu, bem no meio de sua palavra favorita, “moral”, e o braço que estava enlaçado ao seu começou a tremer. Alice alçou os olhos e ali estava a Rainha diante delas, cruzando os braços e franzindo as sobrancelhas, como um trovão.

“Lindo dia, não, Majestade?” começou a Duquesa com voz baixa e fraca. “Vou lhe dar um aviso, agora!” berrou a Rainha, batendo o pé no chão enquanto falava. “Ou você ou sua cabeça devem desaparecer daqui imediatamente! A escolha é sua!” A Duquesa escolheu, desaparecendo no mesmo instante. “Continuemos a partida”, disse a Rainha a Alice, que estava apavorada demais para dizer qualquer palavra, e apenas a seguiu devagar, de volta ao campo de croquet. Os outros convidados tinham aproveitado a ausência da Rainha e estavam descansando na sombra. Contudo, assim que a viram, correram de volta ao jogo, enquanto ela simplesmente advertia que um minuto de atraso poderia custar-lhes a vida. Durante todo o tempo em que jogaram, a Rainha não cessou nem um instante de brigar com os outros jogadores e gritar: “Cortem a cabeça dele!” ou

“Cortem a cabeça dela!” Os condenados eram levados em custódia pelos soldados, os quais naturalmente para fazer isso tinham que deixar de ser arcos, de modo que após cerca de meia hora não restara nenhum arco, e todos os jogadores, com exceção do Rei, da Rainha e de Alice, estavam presos, sob sentença de execução. Então a Rainha parou, já quase sem fôlego, e disse para Alice: “Você já viu a Falsa Tartaruga?” “Não”, respondeu Alice, “e nem imagino o que seja uma Falsa Tartaruga.” “É aquilo com que se faz a Falsa Sopa de Tartaruga“, disse a Rainha. “Nunca vi nem ouvi falar”, disse Alice. “Então, venha”, disse a Rainha, “e ela irá lhe contar sua história.” Enquanto caminhavam, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa ao grupo de condenados: “Estão todos perdoados.” “Bem, isto é uma boa coisa!” disse Alice a si mesma, pois estava se sentindo muito aflita com o número de execuções que a Rainha ordenara. Logo aproximaram-se de um Grifo, que dormia profundamente ao sol. (Se vocês não souberem o que é um Grifo, vejam a figura.) “Acorde, coisa preguiçosa!” disse a Rainha, “e leve esta senhorita para ver a Falsa Tartaruga e ouvir sua história. Eu preciso voltar e tratar de algumas execuções que ordenei.” E afastou-se, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito da aparência daquela criatura, mas pensou que, afinal de contas, poderia ser mais seguro estar com ele do que continuar em companhia da feroz Rainha. Assim, esperou. O Grifo sentou-se e esfregou os olhos; então, observou a Rainha até que

ela sumisse de vista; depois sorriu. “Que engraçado!” disse o Grifo, meio para si mesmo, meio para Alice. “Qual é a graça?” perguntou Alice.

“Ora, ela”, disse o Grifo. “É tudo fantasia dela: você sabe, eles nunca executam ninguém.

Vamos!” “Todo mundo por aqui diz ‘Vamos!’”, pensou Alice, enquanto o seguia devagar:

“Nunca recebi tantas ordens em toda a minha vida, nunca!” Não andaram muito até avistar de longe a Falsa Tartaruga, que estava sentada sobre uma rocha, triste e sozinha. Apenas se aproximaram dela, Alice pôde ouvi-la suspirar profundamente, como se tivesse o coração partido. Ficou com muito dó: “Por que ela sofre?” perguntou ao Grifo, que respondeu mais ou menos com as mesmas palavras de antes: “É tudo fantasia dela: você sabe, ela não tem sofrimento nenhum. Vamos!” E foram até a Falsa Tartaruga, que os olhou com grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada. “Esta jovem aqui”, disse o Grifo, “quer conhecer a sua história, quer mesmo.”

“Vou lhe contar”, disse a Falsa Tartaruga num tom cavo e profundo. “Sentem-se, vocês dois, e não digam uma só palavra até eu terminar.” Sentaram-se, e ninguém falou durante alguns minutos. Alice pensou com seus botões: “Não sei como poderá terminar, se não começa nunca.” Mas esperou pacientemente. “Outrora”, disse enfim a Falsa Tartaruga, dando um profundo suspiro, “eu fui uma verdadeira Tartaruga.” Seguiu-se a estas palavras um longuíssimo silêncio, quebrado somente pela exclamação ocasional do Grifo, “Hjckrrh!”, e pelo soluço fundo e constante da Falsa Tartaruga. Alice estava quase levantando-se e dizendo “Muito obrigada, senhora, por sua interessante história”, mas não podia deixar de pensar que deveria ter algo mais a ser dito, então permaneceu sentada e não disse nada.

“Quando éramos pequenas”, continuou, por fim, a Falsa Tartaruga, já um pouco mais calma, mas ainda soluçando de tanto em tanto, “íamos à escola no mar. A professora era uma velha Tartaruga... e nós a chamávamos Tartarruga...” “Por que a chamavam Tartarruga, se era uma tartaruga?” indagou Alice. “Porque era muito encarquilhada”, respondeu a Falsa Tartaruga, aborrecida. “Você é mesmo bem ignorante!” “Deveria envergonhar-se de fazer uma pergunta tão estúpida”, acrescentou o Grifo. E os dois ficaram em silêncio observando a pobre Alice, que teve vontade de afundar sob a terra. Enfim o Grifo falou à Falsa Tartaruga:

“Vamos adiante, minha velha! Não fique o dia inteiro nisto!” E ela continuou assim: “Bem, íamos à escola no mar, mesmo que você não acredite...” “Eu nunca falei isso!” interrompeu Alice. “Falou, sim”, disse a Falsa Tartaruga. “Controle sua língua!” acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar qualquer coisa. A Falsa Tartaruga continuou:

“Tivemos a melhor educação... na verdade, íamos à escola todos os dias...”

“Eu também ia à escola todos os dias”, disse Alice, “não precisa orgulhar-se tanto disso.”

“Com matérias adicionais?” perguntou ansiosamente a Falsa Tartaruga. “Sim”, respondeu Alice, “aprendíamos também Francês e Música.” “E lavagem?” perguntou a Falsa Tartaruga.

“É claro que não!” disse Alice indignada. “Ah! Então não era uma escola realmente boa”, disse a Falsa Tartaruga com grande alívio. “Pois na nossa eles acrescentavam no final do programa: ‘Francês, Música e lavagem — adicionais.’” “Acho que vocês não precisavam muito disso”, falou Alice, “vivendo no fundo do mar.” “Eu não podia pagar esses adicionais”, disse a Falsa Tartaruga com um suspiro. “Fiz apenas o curso regular.” “E o que ensinavam?” indagou Alice. “Remeler e Desencrever, para começar, é claro”, respondeu a Falsa Tartaruga, “e depois os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Distração, Putrificação e Derrisão.” “Nunca ouvi falar em ‘Putrificação’”, Alice arriscou-se a dizer. “O

que é?” O Grifo ergueu as patas num gesto de surpresa. “O quê!? Nunca ouviu falar em Putrificação!?” exclamou ele. “Você sabe o que significa purificar, não sabe?” “Sim”, disse Alice indecisa, “significa... deixar uma coisa... mais pura.” “Pois então”, continuou o Grifo,

“se você não entende o que é putrificar, você é uma aparvalhada.” Alice não se sentiu encorajada a fazer nenhuma outra pergunta sobre o assunto; então virou-se para a Falsa Tartaruga e disse: “O que mais se ensinava na escola?” “Bem, havia Escória”, respondeu a Falsa Tartaruga, enquanto contava as matérias na nadadeira, “... Escória antiga e moderna, e também Maregrafia, e ainda Desdenho... a professora de Desdenho era uma velha Lesma-do-Mar, que vinha uma vez por semana e nos ensinava desdenhar e fintar sobre vela.” “E

como era isso?” perguntou Alice. “Bem, não posso mostrar agora”, disse a Falsa

Tartaruga,

“estou muito circunspecta. E o Grifo nunca aprendeu isso.” “Não tive tempo”, disse o Grifo, “pois freqüentei as Matérias Clássicas. O professor era um velho encaranguejado, isso era.” “Nunca estudei com ele”, disse a Falsa Tartaruga com um suspiro, “dizem que ele lecionava Letras Crespas e Ladinas.” “Isso mesmo, isso mesmo”, disse o Grifo, soluçando por sua vez.

E as duas criaturas esconderam a face entre as patas. “E quantas horas de aula por dia vocês tinham?” perguntou Alice, com pressa de mudar de assunto. “Dez horas no primeiro dia”, disse a Falsa Tartaruga, “nove no segundo, e assim por diante.” “Que horário curioso!” exclamou Alice. “É por isso que se chamavam cursos”, observou o Grifo,

“porque ficavam cada dia mais curtos.” Era uma idéia tão nova para Alice que ela teve de pensar um pouco antes de fazer outro comentário. “Então o décimo primeiro dia devia ser sempre feriado, não é?” “É claro”, disse a Falsa Tartaruga. “E como vocês faziam no décimo segundo?” insistiu Alice. “Chega de falar de lições”, interrompeu o Grifo em tom muito decidido. “Conte-lhe agora alguma coisa sobre jogos.” CAPÍTULO 10

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

# A QUADRILHA DA LAGOSTA

A Falsa Tartaruga suspirou profundamente, passando o dorso de uma nadadeira sobre os olhos. Olhou para Alice e tentou falar, mas por um ou dois minutos os soluços lhe abafaram a voz. “Parece que ela tem um osso entalado na garganta”, disse o Grifo. E começou a chacoalhá-la e bater-lhe nas costas. Finalmente a Falsa Tartaruga recobrou a voz e pôde prosseguir: “Você não deve ter vivido muito no fundo do mar...” (“Na verdade, nunca”, disse Alice) “... e talvez você jamais tenha sido apresentada a uma lagosta...” (Alice começou a dizer “Uma vez provei...” mas controlou-se a tempo e disse

“Não, nunca”) “... você não faz idéia de quão deliciosa seja a Quadrilha da Lagosta!” “Não mesmo”, disse Alice. “Que tipo de dança é?” “Bem”, disse o Grifo, “primeiro forma-se uma fileira ao longo da praia...” “Duas fileiras!” protestou a Falsa Tartaruga. “Focas, tartarugas, salmões e assim por diante; daí, após tirar todas as medusas do caminho...” “O

que geralmente leva algum tempo”, interrompeu o Grifo. “... deve-se andar dois passos para frente...” “Cada um com uma lagosta como parceira!” gritou o Grifo. “Claro”, disse a Falsa Tartaruga, “andar dois passos para frente, fazer uma mesura diante da parceira...”

“... trocar de lagosta e voltar à mesma posição”, continuou o Grifo. “Então, você sabe”, prosseguiu a Falsa Tartaruga, “é preciso atirar as...” “As lagostas!” berrou o Grifo, dando um pulo no ar. “... no mar, o mais longe possível...” “E sair nadando atrás delas!” gritou o Grifo. “Dar uma cambalhota no mar!” berrou a Falsa Tartaruga, cabriolando descontroladamente. “Trocar outra vez de lagosta!” berrou o Grifo com o máximo de sua voz. “E voltar para a praia. É esta a primeira figura”, disse a Falsa Tartaruga, abaixando subitamente a voz. E as duas criaturas, que tinham pulado como loucas o tempo todo, sentaram-se outra vez, tristes e quietas, olhando para Alice. “Deve ser uma dança muito bonita”, disse Alice timidamente. “Você gostaria de ver um pouquinho?” perguntou a Falsa Tartaruga. “Gostaria muito”, disse Alice. “Vamos experimentar a primeira figura!” disse a Falsa Tartaruga ao Grifo. “Podemos fazer sem as lagostas, você sabe. Quem vai cantar?”

“Cante você”, disse o Grifo. “Eu esqueci a letra.” Então começaram a dançar solenemente ao redor de Alice, pisando-lhe algumas vezes na ponta dos pés,

quando passavam muito perto dela, e agitando as patas dianteiras para marcar o tempo, enquanto a Falsa Tartaruga, muito lenta e melancólica, cantava assim:

A merluza disse à lesma: “Podes apressar-te mais? Pisoteando minha cauda, vem um boto logo atrás! Há lagostas, tartarugas: cada qual tem pressa e avança, Todos lá na praia aguardam — vais ou não entrar na dança? Vais ou não, tu vais ou não, tu vais entrar na dança? Vais ou não, tu vais ou não, tu vais entrar na dança? “E não fazes nem idéia de quão bom há de ficar Quando junto das lagostas atirarem-nos ao mar!” Mas a lesma, desconfiada, disse: “é muita essa distância, Agradeço-te, merluza, mas não vou entrar na dança.” — Não queria nem podia mesmo entrar na dança. Não queria nem podia mesmo entrar na dança. “Distância ou não, quem é que liga? É só seguir a nado, Pois”, disse a nadadora amiga, “há praias do outro lado: Se é longe da Inglaterra, então é próximo da França, Assim não temas, cara lesma, e vem entrar na dança. Vais ou não, tu vais ou não, tu vais entrar na dança? Vais ou não, tu vais ou não, tu vais entrar na dança?” “Muito obrigada, é uma dança muito interessante de ver”, disse Alice, sentindo-se aliviada que enfim tivesse acabado: “e gostei muito dessa curiosa canção sobre o peixe-martelo!” “Ah, sim, o peixe-martelo”, disse a Falsa Tartaruga, “você conhece algum, não conhece?”

“Sim”, foi dizendo Alice, “sempre os vejo no jan...” mas controlou-se a tempo. “Não sei onde é que fica o Jan”, disse a Falsa Tartaruga, “mas se você já os viu tantas vezes, é claro que deve saber como são.” “Acho que sim”, respondeu Alice pensativa. “Eles têm o rabo na boca e são cobertos de farelo de pão.” “Quanto ao farelo de pão você está errada”, disse a Falsa Tartaruga: “o farelo se desmancharia no mar. Mas eles de fato têm o rabo na boca; e a razão disso é...” Neste ponto a Falsa Tartaruga bocejou e fechou os olhos. “Fale para ela a razão disso e tudo o mais”, pediu ao Grifo. “A razão”, disse o Grifo, “é que eles queriam muito ir com as lagostas dançar a quadrilha. Então foram jogados para fora do mar. Daí, como tinham que cair muito longe, prenderam o rabo na boca. E daí não puderam soltar mais. É tudo.” “Muito obrigada”, disse Alice, “é muito interessante. Nunca aprendi tanto sobre o peixe-martelo.” “Posso contar-lhe mais coisas, se quiser”, disse o Grifo. “Você sabe por que ele se chama peixe-martelo?” “Nunca pensei nisto antes”, disse Alice, “mas deve ser porque...” “Porque ele faz botas e sapatos”, concluiu o Grifo solenemente. Alice ficou completamente perplexa. “Ele faz botas e sapatos!” repetiu em tom de espanto. “Ora, quem é que faz os seus sapatos?” perguntou o Grifo. “Quero dizer, quem os conserta?” Alice olhou para baixo antes de responder: “o sapateiro.” “Pois no fundo do mar”, continuou o Grifo com voz grave, “botas e sapatos são feitos

pelo peixe-martelo... com auxílio do peixe-prego e do peixe-agulha. Entendeu?” “E do que é que são feitos?” indagou Alice com grande curiosidade. “De couro de peixe-boi, é claro”, replicou o Grifo com muita impaciência: “qualquer camarãozinho poderia lhe dizer isto.” “Se eu fosse o peixe-martelo”, disse Alice, cujo pensamento ainda estava voltado à canção, “teria dito ao pingüim, ‘Afaste se, por favor! Não queremos você conosco!’” “Mas eles eram obrigados a aceitá-lo”, falou a Falsa Tartaruga. “Nenhum peixe sensato vai a parte alguma sem um pingüim.” “É mesmo?” exclamou Alice com grande surpresa. “Claro que é”, disse a Falsa Tartaruga. “Ora, se um peixe viesse me dizer que estava saindo para uma longa jornada, eu lhe perguntaria ‘Com que pingüim?’” “Você quer dizer ‘Com que fim?’” perguntou Alice.

“Quero dizer o que disse”, respondeu a Falsa Tartaruga em tom ofendido. E o Grifo acrescentou: “Bem, agora queremos ouvir algumas das suas aventuras.” “Eu podia contar minhas aventuras... a começar desta manhã”, disse Alice, um pouco envergonhada. “Não adiantaria falar sobre ontem, porque até então eu era uma pessoa diferente.” “Explique isso tudo”, disse a Falsa Tartaruga. “Não, não! As aventuras primeiro”, disse o Grifo com impaciência: “explicações tomam um tempo medonho!” Então Alice começou a contar-lhes as suas aventuras desde quando vira pela primeira vez o Coelho Branco. No início ficou um pouco nervosa porque as duas criaturas encostaram-se muito nela, uma de cada lado, com olhos e boca muito abertos. Mas criou coragem e prosseguiu. Seus ouvintes permaneceram completamente calados até que ela chegou ao ponto em que recitou “Estás velho, Pai William” para a Lagarta e as palavras saíram todas diferentes. Então a Falsa Tartaruga deu um longo suspiro e disse: “Isso é muito curioso!” “É a coisa mais curiosa que pode existir!” acrescentou o Grifo. “Saiu tudo diferente!” repetiu a Falsa Tartaruga, pensativa. “Gostaria muito de ouvi-la tentar outra vez agora. Peça-lhe para começar.” E olhou para o Grifo, como se pensasse que ele exercesse algum tipo de autoridade sobre Alice.

“Fique em pé e recite ‘O preguiçoso falou’”, disse o Grifo. “Como estas criaturas dão ordens e obrigam a recitar lições!” pensou Alice. “Até parece que estou na escola.” Todavia, levantou-se e começou a recitar, mas sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha da Lagosta que ela mal sabia o que estava dizendo. E de fato as palavras saíram muito estranhas: “A lagosta falou ‘Me passaram do ponto, vou cobrir os cabelos de açúcar e pronto.’ Não com cílios qual pato, mas sim com nariz Ela arruma-se e expõe seus artelhos feliz. Quando a areia está seca, ela exulta zombando De qualquer tubarão, mas, sem dúvida, quando Na maré cheia muitos se agrupam por perto, Sua voz desce a um tom meio tímido e

incerto.” “É diferente do que eu aprendi quando era criança”, disse o Grifo.

“Bem, eu nunca ouvi isso antes”, disse a Falsa Tartaruga, “mas me parece um absurdo fora do comum.” Alice não disse nada: sentou-se com a cabeça entre as mãos, indagando a si mesma se alguma vez as coisas voltariam a ser como antes. “Eu gostaria de uma explicação”, disse a Falsa Tartaruga. “Ela não pode explicar”, disse o Grifo com pressa.

“Prossiga com a próxima estrofe.” “Mas e os botões?” insistiu a Falsa Tartaruga. “Como ela podia ajeitá-los com o nariz?” “É a primeira posição na dança”, disse Alice. Mas ela estava terrivelmente embaraçada com aquilo tudo e ansiava por mudar de assunto. “Prossiga com a próxima estrofe”, repetiu o Grifo: “começa com ‘Ao passar no jardim’.” Alice não ousou contestar, embora tivesse certeza de que tudo sairia errado. E prosseguiu com voz vacilante: “Ao cruzar seu jardim, vi a coruja e a pantera Dividindo uma empada — à segunda coubera Massa, molho e recheio; porém, pelo trato, Só cabia à primeira ficar com o prato. Finda a empada, a coruja ganhou a colher Como brinde, e a pantera, que após receber Garfo e faca rosnara, acabou de lambuja Esse belo banquete comendo a ——” “Que sentido tem ficar repetindo tanto disparate”, interrompeu a Falsa Tartaruga, “se você não explica nada enquanto vai dizendo? Isto é de longe a coisa mais confusa que jamais ouvi!”

“Sim, acho melhor você parar”, disse o Grifo. E Alice ficou contentíssima em obedecê-lo.

“Vamos tentar outra figura da Quadrilha da Lagosta?” prosseguiu o Grifo. “Ou você preferiria que a Falsa Tartaruga cantasse outra canção?” “Oh, uma canção, por favor, se a Falsa Tartaruga fizer esta gentileza”, respondeu Alice, tão entusiasmada que o Grifo disse, em tom ofendido: “Hum! Gosto não se discute! Quer cantar para ela a ‘Sopa de Tartaruga’, amiga velha?” A Falsa Tartaruga suspirou profundamente e, com voz entrecortada por soluços, começou a cantar assim: “Que bela sopa, rica e verdinha vem fumegando numa terrina!

Por tal delícia quem não se inclina? Sopa da noite, sopa gostosa, sopa da noite, deliciosa! Que bela sopa, opa, opa! Que bela sopa, ooopa! Sopa da noite, opa, opa, que boa sopa! Que bela sopa, farta e quentinha, quem comeria peixe ou galinha? Quem não dá tudo pela sopinha apetitosa, rica e verdinha? Quem não dá tudo pela sopinha? Que bela sopa, opa, opa! Que bela sopa, ooopa! Sopa da noite, opa, opa, que boa sopa!” “O coro outra vez!” clamou o Grifo, e a Falsa

Tartaruga apenas começara a repeti-lo quando se ouviu um grito à distância: “O julgamento está começando!” “Vamos!” berrou o Grifo e, tomando Alice pela mão, saiu correndo sem esperar o final da canção. “Que julgamento?” perguntou Alice, arquejando enquanto corria. Mas o Grifo apenas disse: “Vamos!” e correu ainda mais rápido, enquanto se podiam ouvir, cada vez mais sumidas, carregadas pelo vento que os seguia, as melancólicas palavras: “Sopa da noite, opa, opa, que boa sopa!” CAPÍTULO 11

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

QUEM ROUBOU AS TORTAS?

Quando eles chegaram, o Rei e a Rainha de Copas estavam sentados no trono, cercados por uma multidão: havia ali todo o tipo de aves e bichos, bem como todas as cartas do baralho. O Valete estava diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado, para guardá-lo. Próximo ao Rei estava o Coelho Branco, com uma corneta em uma mão e um rolo de pergaminho na outra. Bem no meio do tribunal havia uma mesa, com um grande prato cheio de tortas em cima: pareciam tão gostosas, que Alice ficou com água na boca. “Gostaria que eles encerrassem logo o julgamento”, pensou ela, “e passassem ao lanche!” Mas parecia não haver a menor probabilidade; então, para passar o tempo, ela começou a observar tudo o que estava acontecendo em volta. Alice nunca tinha ido a uma corte de justiça, mas já lera sobre o assunto em livros e estava muito satisfeita de ver que sabia o nome de praticamente tudo o que havia ali. “Aquele é o juiz”, disse a si mesma,

“por causa de sua grande peruca.” O juiz, por falar nisso, era o próprio Rei. E como ele usava sua coroa em cima da peruca (olhem a página seguinte, se quiserem saber como), parecia não sentir-se muito confortável, e com certeza não estava com aparência muito boa. “E aquele é o banco do júri”, continuou pensando, “e aquelas doze criaturas” (ela era obrigada a dizer “criaturas” porque alguns deles eram animais e pássaros) “devem ser os jurados.” Repetiu esta última palavra duas ou três vezes para si mesma, cheia de orgulho, pois pensava (e com razão) que poucas garotas da sua idade saberiam o seu significado.

Contudo, se dissesse “membros do júri”, também estaria certa. Os doze jurados estavam ocupadíssimos, escrevendo sobre lousas. “O que estão fazendo?” Alice sussurrou para o Grifo, “eles não têm nada para escrever ali, antes que o julgamento comece.” “Eles estão escrevendo seus próprios nomes”, sussurrou o

Grifo em resposta, “por medo de esquecê-los antes do final do julgamento.” “Que estúpidos!” disse Alice indignada, em voz alta; mas súbito se conteve, pois o Coelho Branco gritou: “Silêncio no tribunal!” e o Rei pôs os óculos e começou a olhar em volta interrogativamente, para ver quem estava falando. Alice pôde ver, tão bem como se estivesse olhando sobre os ombros deles, que todos os jurados estavam escrevendo “Que estúpidos!” nas suas lousas; pôde até mesmo observar que um deles não sabia escrever “estúpido” e teve de pedir ajuda ao vizinho. “Imagino a confusão em que estará a lousa deles, quando o julgamento acabar!” pensou Alice. Um dos jurados tinha um giz que rangia. E isso, evidentemente, Alice não podia suportar. Deu a volta no tribunal e postou-se atrás dele, até encontrar uma oportunidade de tomar-lhe o giz. Ela foi tão rápida que o pobre jurado (era Bill, o Lagarto) não se deu conta do que acontecera; então, depois de procurá-lo por toda parte, foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia: o que não adiantava muito, pois o dedo não deixava marca alguma na lousa.

“Arauto, leia a acusação!” disse o Rei. E então o Coelho Branco soou três vezes a corneta, desenrolou o pergaminho e leu o que se segue:

“A Rainha de Copas assou umas tortas num dia de verão. O Valete de Copas roubou essas tortas sem nenhuma razão.” “Profiram o veredicto”, disse o Rei ao júri.

“Ainda não, ainda não!” interveio apressadamente o Coelho. “Ainda falta muita coisa antes disso!” “Chame a primeira testemunha”, disse o Rei. O Coelho Branco soou três vezes a corneta e bradou: “Primeira testemunha!” A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele entrou com uma xícara de chá numa mão e um pedaço de pão com manteiga na outra.

“Peço desculpas a Vossa Majestade”, começou ele, “por trazer isso até aqui, mas eu ainda não acabara meu chá quando fui chamado.” “Devia ter acabado”, disse o Rei. “Quando começou?” O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o acompanhara ao tribunal, de braços dados com o Dormidongo. “Quatorze de março, eu acho...” disse ele. “Quinze”, emendou a Lebre de Março. “Dezesseis”, propôs o Dormidongo. “Tomem nota disso”, disse o Rei ao júri. E o jurados prontamente anotaram as três datas em suas lousas, depois as somaram e, por fim, converteram o resultado em shillings e pence. “Tire o seu chapéu”, disse o Rei ao Chapeleiro. “Não é meu”, respondeu o Chapeleiro. “Roubado!” exclamou o Rei, voltando-se para o júri, que instantaneamente tomou nota do fato.

“Eu os uso para vender”, prosseguiu o Chapeleiro, explicando-se: “nenhum deles é meu. Sou um chapeleiro.” Neste ponto a Rainha pôs os óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e trêmulo. “Dê o seu depoimento”, disse o Rei, “e não fique nervoso, senão mandarei executá-lo imediatamente.” Parece que isso não encorajou nem um pouco a testemunha: ele começou a apoiar-se ora num pé ora noutro, olhando assustado para a Rainha e, na sua confusão, mordeu um bom pedaço da xícara em vez do pão com manteiga. Neste exato momento, Alice teve uma sensação muito estranha, que a deixou muito embaraçada até que descobrisse do que se tratava: estava começando a crescer outra vez. A princípio quis levantar-se e deixar o tribunal, mas, refletindo melhor, decidiu permanecer onde estava, ao menos enquanto houvesse espaço suficiente. “Gostaria que você não me empurrasse tanto”, disse o Dormidongo, que estava sentado ao lado dela:

“Mal posso respirar.” “Não posso fazer nada”, disse Alice docemente: “Estou crescendo.”

“Você não tem o direito de crescer aqui”, disse o Dormidongo. “Não diga besteira”, disse Alice com mais firmeza: “Você sabe que também está crescendo.” “Sim, mas eu cresço em um ritmo razoável”, afirmou o Dormidongo, “não desse modo ridículo.” Dizendo isso, levantou-se indignado e foi para o outro lado do tribunal. Durante todo esse tempo, a Rainha não parou de encarar o Chapeleiro e, bem na hora em que o Dormidongo atravessou a sala, ela disse a um dos oficiais do tribunal: “Traga-me a lista dos cantores do último concerto!” Ao ouvir isso, o Chapeleiro estremeceu de tal modo que seus dois sapatos escorregaram dos pés. “Dê o seu depoimento”, repetiu o Rei, furioso: “ou então mandarei executá-lo, estando você nervoso ou não.” “Sou um pobre homem, Majestade”, começou o Chapeleiro, com voz trêmula, “e mal tinha começado a tomar meu chá... há cerca de uma semana, mais ou menos... e as fatias de pão com manteiga estavam ficando tão finas... e o tremeluzir do chá...” “O tremeluzir do quê?” perguntou o Rei. “Do chá. Começou com o ch...” respondeu o Chapeleiro. “É óbvio que chá começa com ch!” disse asperamente o Rei.

“Você pensa que sou um estúpido? Continue!” “Sou um pobre homem”, continuou o Chapeleiro, “e quase tudo tremeluziu desde então... mas a Lebre de Março disse...” “Eu não disse nada!” interveio rapidamente a Lebre de Março. “Disse sim!” afirmou o Chapeleiro. “Nego!” disse a Lebre de Março. “Ela nega”, disse o Rei, “deixemos isso de lado.” “Bem, de toda maneira, o Dormidongo também disse...” prosseguiu o Chapeleiro, olhando ansiosamente

para ver se o Dormidongo também negava; mas este não negou, pois estava em sono profundo. “Desde então”, continuou o Chapeleiro, “eu cortei mais fatias...”

“Mas o que o Dormidongo disse?” quis saber um dos jurados. “Não me lembro”, disse o Chapeleiro. “Você deve lembrar-se”, observou o Rei, “ou então mandarei executá-lo.” O

pobre Chapeleiro derrubou a xícara e o pão com manteiga e ajoelhou-se. “Sou um pobre homem, Majestade”, começou ele. “Você é um pobre orador”, disse o Rei.

Neste ponto um dos porquinhos-da-índia aplaudiu, mas foi imediatamente abafado pelos oficiais da corte. (Como esta talvez seja uma expressão difícil de compreender, explicarei o que foi feito. Eles tinham um grande saco de estopa, cuja boca se fechava com cadarços: enfiaram o porquinho-da-índia ali, de cabeça para baixo, e sentaram-se em cima.) “Estou feliz por ter visto isso”, pensou Alice, “pois muitas vezes li nos jornais que, no final de um julgamento, ‘Houve tentativas de aplausos, imediatamente abafadas pelos oficiais da corte,’ mas nunca tinha entendido.” “Se é tudo o que tem a dizer sobre o caso, pode descer”, disse o Rei. “Não posso abaixar mais”, disse o Chapeleiro, “já estou no chão.” “Então pode sentar-se”, replicou o Rei. Neste ponto o outro porquinho-da-

índia aplaudiu, e também foi abafado. “Muito bem, acabaram os porquinhos-da-índia!” pensou Alice. “Talvez agora as coisas melhorem.” “Gostaria de terminar meu chá”, disse o Chapeleiro, lançando um olhar suplicante à Rainha, que continuava lendo a lista dos cantores. “Pode ir”, disse o Rei. E o Chapeleiro imediatamente abandonou o tribunal, sem sequer recolocar os sapatos. “...e corte-lhe a cabeça lá fora”, acrescentou a Rainha a um dos oficiais; porém o Chapeleiro sumira de vista antes que o oficial chegasse à porta.

“Chamem a próxima testemunha!” disse o Rei. A testemunha seguinte era a cozinheira da Duquesa. Estava segurando o pote de pimenta, e Alice adivinhou quem era antes mesmo de sua entrada no tribunal, pois todos os que estavam perto da porta começaram a espirrar ao mesmo tempo.

“Dê o seu depoimento”, disse o Rei. “Eu, não”, disse a cozinheira. O Rei olhou apreensivo para o Coelho Branco, que lhe disse em voz baixa: “Vossa Majestade deve interrogar duplamente esta testemunha.” “Bem, se devo, terei de fazê-lo”, disse o Rei com ar melancólico. E, depois de cruzar os braços e franzir as

sobrancelhas até que seus olhos quase sumissem, perguntou com voz cavernosa: “Do que são feitas as tortas?” “De pimenta, principalmente”, respondeu a cozinheira. “De melado”, retrucou uma voz sonolenta atrás dela. “Peguem esse Dormidongo!” gritou a Rainha. “Cortem-lhe a cabeça! Ponham esse Dormidongo para fora do tribunal! Abafem, apertem esse Dormidongo! Arranquem os seus bigodes!” Por alguns minutos houve grande confusão na sala, enquanto se expulsava o Dormidongo. Quando todos se acomodaram outra vez, a cozinheira havia desaparecido.

“Não faz mal!” disse o Rei, com grande alívio. “Chamem a próxima testemunha!” E

acrescentou, a meia voz, para a Rainha: “Na verdade, minha querida, é melhor que você interrogue duplamente a próxima testemunha. Isso está me dando uma tremenda dor de cabeça!”

Alice ficou observando o Coelho Branco enquanto ele percorria atrapalhadamente a lista de nomes, curiosa por saber quem seria a testemunha seguinte,

“pois até agora eles não têm lá muitas provas”, pensou. Qual não foi a surpresa dela quando o Coelho Branco leu, com sua vozinha estridente, o nome “Alice!” CAPÍTULO 12

*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*~*

# O DEPOIMENTO DE ALICE

“Presente!” gritou Alice. E, completamente esquecida, na excitação do momento, do quanto havia crescido nos últimos minutos, deu um pulo com tanta pressa que derrubou o banco do júri com a barra de sua saia, arremessando todos os jurados de cabeça sobre a platéia. Os coitados ficaram espalhados pelo chão aqui e ali, fazendo-a recordar o aquário de peixinhos dourados que ela acidentalmente derrubara na semana anterior. “Oh, peço-lhes desculpas!” exclamou desolada, e começou a levantá-los o mais rápido que pôde, pois o acidente com os peixinhos não saía de sua cabeça e ela tinha uma vaga idéia de que eles deveriam ser recolhidos um a um e colocados de volta ao banco, senão morreriam. “O

julgamento não poderá prosseguir”, disse o Rei com voz muito grave, “até que todos os jurados retornem aos seus lugares certos... todos”, repetiu com grande ênfase, olhando severamente para Alice. Alice olhou para o banco do júri e viu que, na sua pressa, tinha colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o pobrezinho estava agitando melancolicamente a cauda, sem poder fazer nada. Ela logo o pegou e recolocou-o do jeito certo. “Não que isso adiante muito”, disse a si mesma, “pois acho que a utilidade dele no julgamento seria exatamente a mesma, de um jeito ou de outro.” Assim que os jurados se recuperaram um pouco do choque e que suas lousas e lápis lhes foram devolvidos, empenharam-se diligentemente em escrever a história do acidente. Todos, com exceção do Lagarto, que parecia esgotado demais para fazer qualquer coisa, a não ser ficar sentado com a boca aberta, olhando com ar apalermado para o teto do tribunal. “O que você sabe a respeito do caso?” o Rei perguntou a Alice. “Nada”, respondeu ela. “Nada mesmo?” insistiu o Rei. “Nada mesmo”, confirmou Alice. “Isto é muito importante”, disse o Rei, voltando-se para o júri.

Eles estavam começando a escrever isso em suas lousas quando o Coelho Branco interrompeu: “Desimportante é o que Vossa Majestade quer dizer, é claro”, disse em tom muito respeitoso, embora franzindo as sobrancelhas e fazendo caretas enquanto falava. “Desimportante, é claro, é o que eu queria dizer,” corrigiu-se apressadamente o Rei, e continuou, a meia voz, falando para si mesmo: “importante... desimportante...

desimportante... importante...” como se estivesse provando qual palavra soava melhor.

Alguns dos jurados escreveram “importante”, outros “desimportante”. Alice pôde observar isso porque estava perto o bastante para ver por cima das lousas; “mas não faz a menor diferença”, pensou.

Neste momento o Rei, que estivera ocupado por algum tempo escrevendo em seu caderno de notas, gritou: “Silêncio!” e leu: “Artigo Quarenta e Dois: Todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem deixar o tribunal.” Todo mundo olhou para Alice. “Eu não tenho mais de um quilômetro e meio de altura”, disse ela. “Tem, sim”, disse o Rei. “Tem quase três quilômetros”, acrescentou a Rainha. “Bem, mas não irei de jeito nenhum”, disse Alice; “além do mais, este artigo não é legal: você acabou de inventá-

lo.”

“É o mais antigo do código“, disse o Rei. “Nesse caso, deveria ser o número Um”, disse Alice.

O Rei empalideceu e fechou apressadamente seu caderno de notas. “Façam o seu veredicto”, disse ao júri, com voz baixa e trêmula. “Com licença de Vossa Majestade, ainda há provas a examinar”, disse o Coelho Branco dando um salto: “este documento acaba de ser encontrado.” “Do que se trata?” indagou a Rainha. “Ainda não abri”, respondeu o Coelho Branco, “mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro para...

para alguém.” “Só pode ser isso”, disse o Rei, “a menos que tenha sido escrita para ninguém, o que não é muito usual, você sabe.” “A quem é endereçada?” perguntou um dos jurados. “Não é propriamente endereçada...” disse o Coelho Branco, “na verdade, não há nada escrito do lado de fora.” Enquanto falava, desdobrou o papel, acrescentando: “Nem é uma carta, afinal de contas: são versos.” “Estão escritos com a caligrafia do prisioneiro?” perguntou outro jurado. “Não, não estão”, respondeu o Coelho Branco, “e isso é o mais estranho de tudo.” (Todos os jurados pareciam perplexos.) “Ele deve ter imitado a caligrafia de outra pessoa”, disse o Rei. (Todos os jurados animaram-se outra vez.) “Com licença de Vossa Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi isso, e ninguém poderá provar o contrário: não há nenhum nome assinado embaixo.” “Se você não assinou”, disse o Rei,

“isso só piora a situação. Você certamente deve ter feito algo de errado, ou então teria assinado seu nome como qualquer pessoa honesta.” Houve uma salva de

palmas nesse momento: foi a primeira coisa inteligente que o Rei dissera naquele dia. “Isso prova a sua culpa, é claro”, disse a Rainha: “Logo, cortem-lhe...” “Isso não prova nada!” interveio Alice. “Ora, vocês nem sabem o que dizem aqueles versos!” “Leia-os!” ordenou o Rei. O

Coelho Branco pôs os óculos. “Por onde devo começar, Majestade?” perguntou ele.

“Comece pelo começo”, disse o Rei muito seriamente, “e continue até chegar ao fim: então, pare.” Fez-se um silêncio mortal no recinto, enquanto o Coelho Branco lia os seguintes versos: “Contaram que falaste a meu respeito Com ele ao vê-la, e que, apesar De em meu caráter não notar defeito, Ela acha que eu não sei nadar. Ele falou-lhes que eu não tinha ido (e não há dúvidas aqui), se ela insistisse neste desmentido, o que seria então de ti? Dei um a ela — a ele, deram dois, Deste-nos três ou mais de três E ele te devolveu todos, depois, Que foram meus alguma vez. Caso ela ou eu tenhamos de verdade Nos envolvido nessa história, Coloca-os — ele o pede — em liberdade Como estivéramos outrora. Parece-me, contudo, que eras (antes Do acesso dela) um empecilho Que se criou para manter distantes Ele de nós e nós daquilo.

Oculta dele que ela os preferia.

E que isso seja até o fim.

Segredo para os outros, todavia sabido só por ti e por mim.” “É a prova mais importante que examinamos até agora”, disse o Rei, esfregando as mãos; “portanto, o júri poderá...” “Se alguém aqui puder explicar-me isso”, disse Alice (ela crescera tanto nos últimos minutos que não estava nem um pouquinho receosa de interrompê-lo), “eu lhe pagarei seis pences. Pois eu acho que não tem um pingo de sentido em tudo isso.” Todos os jurados anotaram em suas lousas: “Ela acha que não tem um pingo de sentido em tudo isso”, porém nenhum se arriscou a explicar o documento. “Se não faz sentido algum”, disse o Rei, “temos um problema a menos, pois não precisaremos tentar encontrar um. Mas não sei”, continuou ele, estendendo os versos sobre seu joelho e espreitando-os com um olho só, “acho que, afinal de contas, algum sentido eu vejo aqui.

‘... disse que eu não sei nadar... ’ Você não sabe nadar, sabe?” perguntou, voltando-se para o Valete. O Valete balançou a cabeça com tristeza. “Pareço saber?” disse ele. (E com certeza não parecia, sendo todo feito de cartolina.)

“Tudo bem, até aqui”, disse o Rei; e continuou a murmurar para si mesmo os versos: “‘... o que verdade é... ’ trata-se do tribunal, é claro... ‘se ela insistisse na questão... ’ deve ser a Rainha... ‘o que seria de você? ’ só pode ser!... ‘dei-lhe uma, deram-lhe duas... ’ ora, deve ser o que ele fez com as tortas, não acham?” “Mas e a continuação, ‘dele a você voltaram todas...’?” indagou Alice.

“Ora, estão todas ali!” exclamou o Rei com ar de triunfo, apontando para as tortas sobre a mesa. “Não há nada mais evidente do que isso. E depois vem ‘quando ela teve aquele ataque... ’ mas você nunca teve nenhum ataque, não é querida?” disse ele à Rainha.

“Nunca!” berrou a Rainha, furiosa, atirando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O

pobrezinho do Bill tinha parado de escrever com o dedo na lousa quando descobrira que isso nada adiantava; porém nesse momento recomeçara, diligentemente, usando a tinta que escorria em seu rosto, enquanto não secava.) “Então essas palavras não atacam você”, disse o Rei, olhando para todos os presentes com um sorriso. Fez-se um silêncio mortal. “É

brincadeira!”, acrescentou em tom colérico, e todo mundo riu.

“Agora o júri deve fazer o veredicto”, disse o Rei, mais ou menos pela vigésima vez naquele dia. “Não, não!” berrou a Rainha. “Primeiro a sentença, depois o veredicto.” “Besteira, bobagem!” disse Alice em voz alta. “Onde já se viu a sentença antes do veredicto?” “Dobre sua língua!” disse a Rainha, enrubescendo de raiva. “Não dobro, não!” retrucou Alice. “Cortem-lhe a cabeça!” gritou a Rainha com o máximo de sua voz.

Ninguém se moveu. “Quem se importa com você?” disse Alice (ela acabara de crescer até o seu tamanho normal). “Vocês não passam de um maço de cartas!” Naquele momento, todo o baralho voou pelos ares e começou a cair em sua direção: Alice deu um gritinho, meio de susto, meio de raiva, e tentou abatê-los, mas...

quando deu por si, estava deitada no barranco com a cabeça no colo de sua irmã, a qual delicadamente afastava algumas folhas secas que tinham caído sobre seu rosto. “Acorde, Alice querida!” disse sua irmã. “Que sono pesado você teve!” “Ah, eu tive um sonho tão esquisito!” disse Alice.

E começou a contar à irmã, tanto quanto podia recordar, todas essas estranhas aventuras que vocês acabaram de ler.

Quando acabou, sua irmã a beijou e disse: “Foi um sonho curioso, com certeza, minha querida; mas agora corra para tomar seu chá: já está ficando tarde!” Então Alice levantou-se e saiu correndo, pensando, enquanto isso, que sonho maravilhoso tinha sido aquele.

Mas sua irmã continuou onde estava, com a cabeça apoiada na mão, admirando o pôr-do-sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras.

Até que ela mesma começou a sonhar, a seu modo, e foi este o sonho: Primeiro, sonhou com a pequena Alice: mais uma vez suas mãozinhas delgadas abraçavam-se ao joelho, e seus olhos vívidos e brilhantes a fixavam; podia até ouvir os tons de sua voz e ver aquele gesto singular que sempre faz com a cabeça para manter atrás as mechas de cabelo que teimavam em cair sobre seus olhos...

E enquanto escutava, ou pensava escutar, todo o ambiente em torno dela foi ocupado pelas estranhas criaturas do sonho de sua irmãzinha. As longas folhas de relva farfalhavam sob seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado... O Rato amedrontado agitava a água ao passar na lagoa ali pertinho...

Ela podia ouvir o tinir das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam seu infindável lanche, e a voz aguda da Rainha condenando à execução seus infelizes convidados...

Outra vez o bebê-porquinho espirrava no colo da Duquesa enquanto pratos e travessas se estraçalhavam ao redor...

Outra vez o guincho do Grifo, o ranger do giz do Lagarto, os aplausos abafados dos porquinhos-da-índia encheram o ar, misturados com os longínquos soluços da pobre Falsa Tartaruga.

Continuou ali sentada, com os olhos fechados, quase acreditando estar no País das Maravilhas, mas sabendo que bastaria abrir de novo os olhos e tudo voltaria à prosaica realidade: o farfalhar da relva se deveria apenas ao vento, e a agitação da lagoa apenas ao ondular dos juncos... o tinir das xícaras se transformaria no chocalho das ovelhas que por ali pastavam, e os berros estridentes da Rainha na voz do pastor... os espirros do bebê, o guincho do Grifo e todos os outros

estranhos ruídos se transformariam (ela sabia disso) no confuso burburinho das atividades do campo...

Enquanto o mugido do rebanho ao longe tomaria o lugar dos profundos soluços da Falsa Tartaruga.

Por fim, ela imaginou como seria sua irmãzinha quando, no futuro, se transformasse em uma mulher adulta; e como conservaria, com o avançar dos anos, o coração simples e afetuoso da infância; e como reuniria em torno de si outras crianças e deixaria os olhos delas brilhantes e atentos a muitas histórias estranhas, talvez mesmo com o sonho do País das Maravilhas de tantos anos atrás; e como compartilharia as suas pequenas tristezas e as suas simples alegrias, recordando-se de sua própria infância e de seus felizes dias de verão.